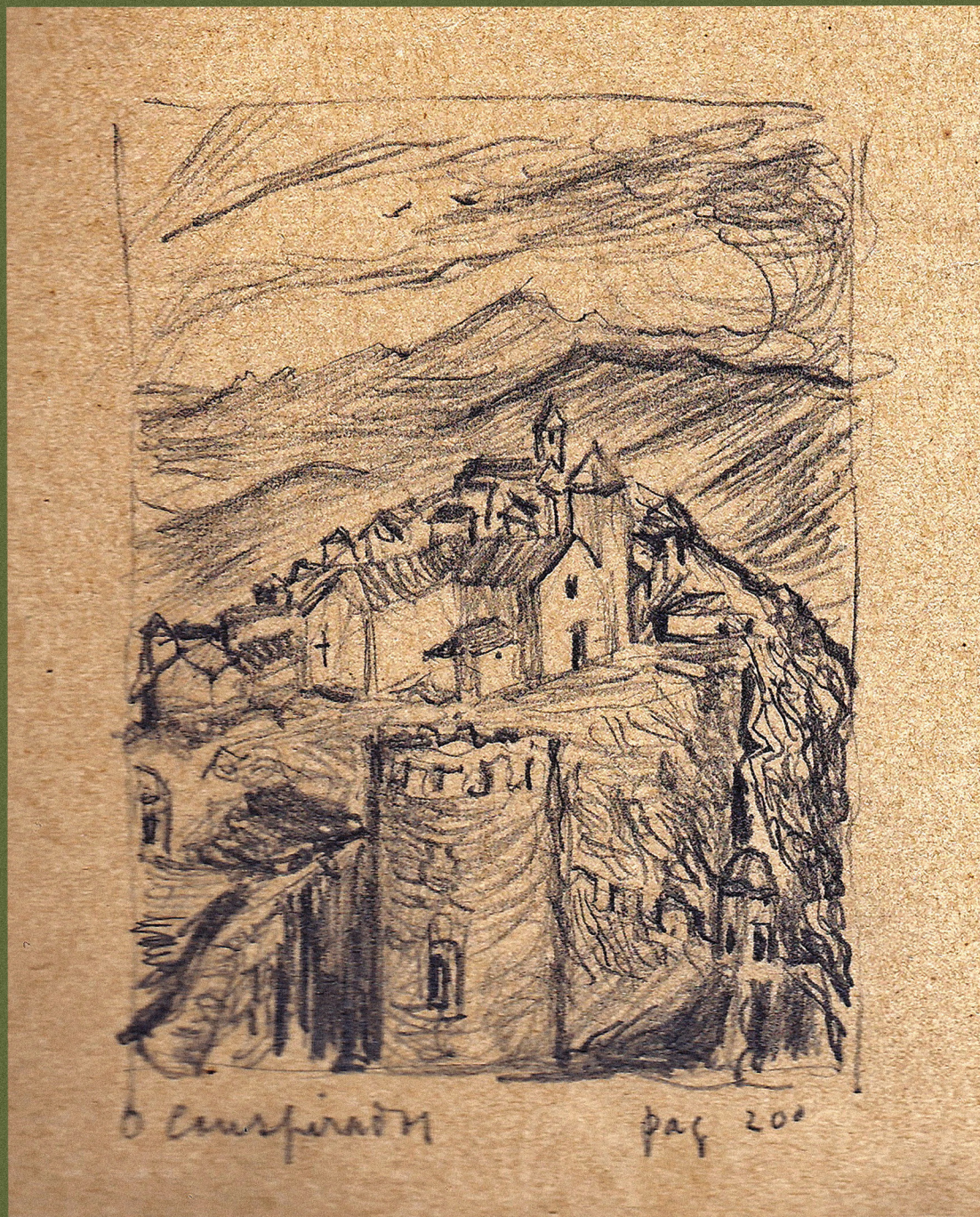


# OS CAMINHOS D'O CONSPIRADOR



BASEADO NO CONTO  
'O CONSPIRADOR'  
BRANQUINHO DA FONSECA

## TÍTULO

OS CAMINHOS D'O CONSPIRADOR

## COORDENAÇÃO

Maria Mota Almeida

Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira

## EDIÇÃO

Câmara Municipal de Marvão

## AUTORES DOS TEXTOS

António José Branquinho da Fonseca

David Mourão-Ferreira

Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira

Fernando J.B. Martinho

Maria Mota Almeida

## CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

António José Branquinho da Fonseca

Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira

## DESENHOS

António José Branquinho da Fonseca (inéditos)

## CAPA

Desenho de António José Branquinho da Fonseca

## EXECUÇÃO GRÁFICA

Maria Mota Almeida

Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira

## DESIGN

SOLOMO - Software & Design

## REVISÃO DE TEXTO

Ana Maria Miranda

José Pedro de Aboim Borges

## ISBN:

978-972-97626-9-7

## FORMATO

e-Book

EPUB

PDF

Digital

## APOIOS

Câmara Municipal de Cascais

Herdeiros de Branquinho da Fonseca

## DATA

Marvão, janeiro 2018

# ÍNDICE

Notas Prévias	04	'Há sempre o que fica para outras páginas...'	63
Conto 'O Conspirador'	07	Poema "Casa Velha"	64
O Projeto	35	Carta	65
Itinerários	38	'Preâmbulo'	67
Itinerário na Vila	39	'Paisagem e Fuga'	71
Itinerário do Contrabando	52	Marvão hoje, visto pelo neto...	79
O Escritor	58	Bibliografia Sumária	91

1.

NOTAS  
PRÉVIAS

Na cidade de Coimbra, em 1927, é editado o primeiro número da revista *presença* fundada por José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões. No ano de 1977, comemoram-se os cinquenta anos da *presença*, em Portalegre. Quarenta anos depois, em 2017, na Faculdade de Letras de Lisboa, recordam-se os 90 anos da *presença* e os seus principais intervenientes. Continuemos, pois, a rememoração, novamente no Alentejo, dando destaque ao conto 'O Conspirador', de Branquinho da Fonseca, que retrata, de forma admirável e quase cinematográfica, a vila de Marvão e uma parte da região rural transfronteiriça.

Consideramos, tal como escreve João Araújo Correia, em 1968, que “não é só ler até adormecer na poltrona. É preciso ver, com olhos de ver, os lugares literários.” Com a ajuda deste 'guia', deixe-se 'levar' pela literatura, saboreie lentamente e, acredite, fará um passeio inesquecível pela fantástica vila de Marvão, admirando o património cultural, histórico e paisagístico. Sugerimos-lhe ainda que se aventure fora do perímetro urbano e faça o 'percurso do contrabando', até ao outro lado da fronteira. Deixe-se encantar pela paisagem, pela diversidade da fauna, da flora, pelo sussurrar das águas e das muitas histórias que a população tem para contar.

Neste e-Book reuniu-se, para além do itinerário propriamente dito, o conto 'O Conspirador', cuja última edição, publicada pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, data de 2010.

Foi ainda acrescentada documentação que permite contextualizar, de forma mais aprofundada, o autor e a obra.

Deste modo, incluímos no itinerário uma seleção de fotografias de Branquinho da Fonseca, pertencentes ao Arquivo Histórico Municipal de Cascais (AHMC), por doação dos Herdeiros, que, em nossa opinião, ilustram magnificamente o conto e que nunca haviam sido publicadas. Situação semelhante acontece com os desenhos, uns propriedade dos Herdeiros de Branquinho da Fonseca, e outros do Arquivo Histórico Municipal de Cascais, os quais permaneciam inéditos.

Todavia, e porque “há sempre o que fica para outras páginas...”, como escreveu Branquinho da Fonseca, foram inseridos, pela sua atualidade e pertinência, dois artigos publicados anteriormente: 'Preâmbulo', escrito por David Mourão-Ferreira e Paisagem e Fuga: “O Conspirador” de Caminhos Magnéticos da autoria de Fernando J. B. Martinho, o primeiro por ocasião da comemoração dos 50 anos da “*presença*”, e o segundo pela Universidade do Algarve, em 2007, resultado do colóquio, havido em 2005, destinado a celebrar o centenário do nascimento de Branquinho da Fonseca. A espacialidade e o quotidiano dos anos 30 serão (re) interpretados, numa leitura contemporânea destes locais de vivência em permanente transformação, através da objetiva do neto do escritor, Luís, Diretor de Fotografia de Cinema, e um dos coordenadores deste projeto.

Agradecimentos...

Generosidade talvez seja a palavra que melhor caracteriza o processo que agora se materializa. Foram três anos de ideias, projetos, investigação, trabalho de campo, passeios... que envolveram entusiastas para os quais não existem obstáculos, mas sempre uma vontade notável de fazer mais em prol da sociedade.

Em primeiro lugar, uma palavra de profunda gratidão para o então Presidente do Município de Marvão, Eng<sup>o</sup> Victor Frutuoso que, num serão frio de Janeiro, nos acolheu em sua casa e ouviu, atentamente, o embrião do projeto. Havíamos feito, durante o dia, um percurso de reconhecimento, acompanhados, para nossa imensa felicidade, da profissionalíssima Felicidade Tavares. Em Valencia de Alcántara reunimo-nos com o Alcaide e na Pitaranha entrevistámos uma antiga contrabandista. Numa tarde abrasadora de Agosto, o amável Lourenço Costa acompanhou-nos no percurso pedestre entre Marvão e Valencia. Conversando com os habitantes que encontrávamos pelo caminho, vieram à memória, ainda fresca, histórias de contrabando de um passado recente. Um agradecimento ao Samuel Mimoso, nosso primeiro interlocutor nesta 'viagem'. Ao Professor Fernando J. B. Martinho o nosso muito obrigada pela disponibilidade e entusiasmo com que acolheu o projeto. Aos nossos amigos do Arquivo Histórico Municipal de Cascais (AHMC), pelo constante profissionalismo, eficiência e amabilidade. Aos funcionários do Centro de Estudos Regionais, de Vila do Conde, por promoverem continuamente a investigação. Aos Herdeiros de Branquinho da Fonseca, nomeadamente à Maria João Fialho, por nos ter facultado o acesso aos desenhos e ter permitido a sua publicação. Aos Herdeiros de David Mourão-Ferreira por terem possibilitado a reedição do magnífico 'Preâmbulo'. Ao João Filipe Bugalho, filho do presencista Francisco Bugalho, pelo seu entusiasmo, disponibilidade e amizade.

A todos os que nos têm acompanhado, o nosso muito obrigado.

Terminamos, não com a confortável sensação de missão cumprida, mas com a noção clara do caminho iniciado e do muito que há ainda para desbravar, pois como escrevia Jean Beaufret: "O difícil não é ser herdeiro, mas saber acolher e recolher a verdadeira herança, não para fazer dela um leito cómodo ou sono dogmático, mas para promover o espírito de investigação". O nosso objetivo continuará a ser, parafraseando o autor do conto que impulsionou este trabalho:

**“Caminhar sempre!”**

2.

CONTO

'O CONSPIRADOR'



O Conspirador -

01

- *Nome?!*

A artilharia, ao longe, parecia já noutro mundo. Ali, dentro do quartel, naquele antigo convento de grandes corredores e salas sem luz, pesava um profundo silêncio. Estava tudo deserto. Ouvia-se apenas a voz dum capitão, sentado atrás duma mesa, a interrogar rapidamente os presos que chegavam.

- *Nome?!*

- *Paulo Mascarenhas de Albuquerque.*

Soou o galope duma patrulha que passava na rua próxima. O capitão correu a vista sobre os montes de papéis, carteiras, bilhetes de identidade que estavam diante dele e, encontrando os que pertenciam a Paulo, voltou-se para o soldado que tinha revistado os presos:

- *Só isto?*

- *Só, meu capitão.*

- *Onde foi preso?*

- *Na Rua do Alecrim.*

- *Com armas?*

- *Não, meu capitão.*

- *Era suspeito?*

- *Sim, meu capitão. Vinha da Rua do Arsenal.*

Percorreu num relance todos os papéis que tinham sido encontrados ao preso e fitou-o:

- *Profissão?*

- *Jornalista.*

- *Aqui diz: estudante.*

- *O bilhete é de há cinco anos.*

- *E é jornalista?*

- *Como já disse.*

Sorriu-se. E bruscamente recomeçou:

- *Com quantos homens estava?*

- *Não estive com ninguém.*

- *Onde deixou as armas?*

- *Não andei armado.*

- *Porque vinha do Arsenal?*

- *Não vinha do Arsenal, vinha do Campo Santana.*

- *Do Arsenal!! - gritou o capitão, fazendo-se vermelho.*

- *Do Campo de Santana - repetiu Paulo, com serenidade. E o capitão, subitamente calmo, mudando de tática, tomou uma expressão de ironia:*

- *Desculpe estas perguntas ridículas ... Mas o seu silêncio pode prejudicá-lo.*

- *Não sei nada.*

- *Que andava a fazer num dia como este?*

- *Ia para casa. Não pude atravessar a Avenida.*

- *Que estive a fazer no Campo de Santana?*

- *Fui visitar uma senhora.*

- *E pôde passar ...*

- *Tinha ido para lá na noite em que começou a revolução.*

- *Hhuum ... perfeitamente. Há dois dias... Quem foi a amável senhora que o hospedou? Pode saber-se?*

- *Não é, talvez, necessário.*

Depois duma pequena pausa, o capitão continuou:

- *Onde mora?*

- *Na Rua do Salitre.*

Fez sinal a um dos soldados para se aproximar e falou-lhe em segredo. Pouco depois o militar regressou acompanhado por cinco homens que também tinham sido presos naquela madrugada. O capitão apontou Paulo e perguntou ao primeiro:

- *Conhece este senhor?*

- *Não.*

- *E você – perguntou ao segundo, ao terceiro, a todos.*

- *Tem a certeza de que estes homens foram detidos no mesmo local?*

- *Sim, meu capitão.*

- *Podem sair.*

Atrás de Paulo estavam várias pessoas em pé, encostadas à parede. Entre elas um estudante; os outros pareciam operários. De cada lado da fila, soldados armados de carabinas. Um dos militares mandou avançar o preso seguinte e o capitão continuou:

- *Nome?!*

Paulo atravessou a sala, vagarosamente, e saiu para um corredor escuro, de pedra, em abóbada, onde os passos ressoavam como numa cisterna. Caminhava silenciosamente ao lado do soldado. Ao fundo, o militar parou, abriu uma porta e fez-lhe sinal que entrasse. Era um pequeno quarto com uma janela gradeada, paredes sujas e húmidas. Dum lado, uma tarimba onde estava estendido um homem com um lenço ensanguentado em volta da cabeça; do outro lado, igual catre, no qual se sentavam três rapazes que ao verem entrar Paulo se puseram em pé, subitamente. E assim que o militar fechou a porta correram para ele com um grito abafado:

- *Então?! ...*

Paulo, muito calmo, respondeu-lhes:

- *O quê? - E viu que atrás da porta estava gravado na cal da parede:  
VIVA A LIBERDADE !*

- *Onde estiveste? Onde são estes tiros?*

- *Não andei na revolução.*

- Não?! ...

Ficaram hesitantes a olhá-lo. E depois dum silêncio de desânimo:

- *Nem sabes nada? ...*

- Não.

- *Nem ouviste dizer nada? ...*

- Não.

- *Vens da China! ...*

- *Não desconfio de vocês... - e abaixando a voz -, mas o presos nunca têm nada que dizer uns aos outros ... De resto, não sei nada. Deixem-me deitar, que há duas noites que não durmo.*

E estendeu-se sobre a cama. Entravam pela janela gradeada os estrondos longínquos da artilharia liquidando o último grupo de loucos ou de heróis que resistiam há quatro dias nos arredores da cidade.

E como um eco dentro da cabeça repetiam-se-lhe as suas palavras secas: “Não... Não...”

No dia seguinte Paulo foi posto em liberdade, depois de ter ido outra vez ao gabinete do capitão, que lhe disse:

- *Devo preveni-lo de que, embora não se tenha provado nada contra si, de hoje em diante deverá ter mais cautela. Por agora deve a liberdade a um bom amigo; mas lembre-se de que podem surgir situações que ninguém possa ou queira remediar.*

A revolução tinha sido dominada. 200 mortos e 1400 feridos. Não passara de tentativa. O quartel estava agora cheio de soldados chegados da província, para ali amontoados pelos pátios e pelos corredores, encostados às paredes, como animais caçados, atónitos, emudecidos. Paulo saiu, seguido por um sargento, atravessou a parada do quartel num passo vagaroso, olhando para tudo com o seu olhar sereno e indiferente. A sentinela abriu-lhe o portão. A rua estava deserta. Pelas paredes das casas tinham colado editais com grandes palavras fortes. As letras pretas e gordas saltavam aos olhos agressivamente. Acendeu um cigarro.

## CIDADÃOS!

A miserável rebelião dum bando de criminosos da mais baixa espécie, que durante estes dias enludou e ensanguentou as ruas da capital, teve o fim que merecia. Mas os cadáveres dos inocentes, dos Heróis que se sacrificaram pelo Dever Sagrado, pela Ordem e pela salvação da Pátria, o sangue desses pede Justiça. Ela será feita! Cidadãos, regressai a vossa vida normal, com a certeza de que a vossa paz não mais será perturbada.

*Governo Militar*

Continuou a descer a rua, a fumar. Tinha sido declarada a greve geral. Não circulavam automóveis nem elétricos e as lojas estavam fechadas. A cidade parecia abandonada. Por vezes, passavam raros transeuntes que o olhavam com desconfiança. Alguns estabelecimentos tinham as portas arrombadas, as montras estilhaçadas. Noutros, viam-se vestígios de incêndio. Duma igreja restavam as paredes fumegantes. Aqui tinha ardido uma casa até ao quinto andar, mais adiante, outra era um monte de pedras donde saía fumo, Banco Agrícola Industrial. Alguns populares paravam a olhar. Mas a polícia aproximava-se: «Sigam». Paulo ia para casa. Subiu a Avenida e foi olhando os destroços daquela revolução falhada. Como não havia jornais, tudo se dizia por edital: «Os operários ou empregados, tanto dos serviços públicos como particulares, que no prazo de vinte e quatro horas não compareçam ao trabalho serão considerados revolucionários e, como tal, julgado pelos tribunais militares especiais».

Seguiu. Estava um belo dia de sol. Mas em toda a Avenida, onde àquela hora costumavam passar centenas de automóveis e milhares de pessoas, agora viam-se só três ou quatro homens que paravam a ler os editais e alguns militares que carregavam para dentro dum camião os ramos das árvores que a metralha tinha cortado.

## 02

Um monte de casas sobre um penhasco de pedra negra. E o automóvel subiu a estrada em ziguezague, entrando pela porta aberta na muralha escura. Portas de Ródão. O primeiro arco dá para um pequeno recinto cercado de parapeitos e seteiras e o segundo é ao lado e enviesado, a atravancar a entrada. Os automóveis têm de parar para fazer uma manobra cautelosa. O guarda-lama bateu num cunhal, com estrondo de bomba. “Acordaste os moiros!” Mas o carro passou, meteu pela rua estreita, onde mal cabia, andou às voltas por aquele labirinto deserto, até que parou diante duma casa antiga, com dois cedros conventuais ao lado. Eduardo saiu, estendendo as pernas e os braços dormentes da viagem longa: “Irra! Mas cá estamos...” Deitou os olhos ao relógio de pulso. “São seis horas. Saímos de Lisboa depois da meia-noite, perto da uma. Gastámos cinco horas. Com estas estradas, foi andar bem...”

A casa de Eduardo tinha um corpo mais alto, à maneira de torre, e a parte principal da construção era de pequenas janelas quadradas e tectos baixos. Ainda restavam duas portas em ogiva medieval. Ao torreão ligava-se um muro alto que envolvia o jardim misterioso de onde apenas saíam os cedros com a copa larga, dobrada para o chão. Via-se por trás deles um terraço que espreitava por cima da muralha, lá para os abismos. Paulo olhava em volta. Um espaço sem casas; ao meio, penedos cinzentos aguçados para o céu; ao fundo uma igreja de modesto pórtico manuelino, com a torre tosca embutida na fachada. Para o outro lado: uma rua direita, ao cimo da qual se via outra torre de igreja e a porta do castelo rodeada de torreões e vigias; um triângulo de relva verde e a muralha a cercar o conjunto, desaparecendo por detrás dos telhados.

Eduardo tirou uma grande chave da bolsa do carro e abriu a porta do casarão desabitado. A fechadura rangeu e os gonzos ainda mais quando os fizeram rodar. Entrou na velha casa de seus avós, fazendo ressoar no chão de granito os passos, que ecoavam na abóbada do átrio. Paulo seguiu-o. Ia para fechar a porta da rua, mas Eduardo disse-lhe :

*- Deixa ficar aberta, para a velha aí da frente ver que está cá gente. Ela é quem toma conta da casa; uma antiga criada que, quando venho aqui passar uns dias à caça, retoma as funções. Lembra-te que estamos em jejum.*

Subiram a escada, Paulo, como um bom estratega, ia olhando aquelas portas e salas, e pensando o que elas valeriam como esconderijo e possibilidade de fuga. O dono da casa entrou num salão que tinha a mobília coberta com panos brancos e foi abrir uma janela.

*- Esta sala lembra-me algumas horas saudosas.*

Um piano, duas estantes com livros, duas mesas de jogo, vários sofás e muitas cadeiras por todos os cantos. Era um desses salões de casa nobre da província onde às noites se juntavam os amigos da família para jogar o solo e o xadrez. As meninas da casa tocavam piano e, se havia pares, talvez se dançasse até às dez horas, que não era casa de boémios.

*- Quando acabei o liceu e cheguei aqui, a passar as férias, meus pais fizeram uma pequena reunião para celebrar a façanha. Estás a ver: o menino ia abrir o Código Civil... encontrei as pessoas do costume: o Dr. França, um médico pândego, de quem ainda hoje sou amigo; amanhã vamos visitá-lo; o Lourenção, com ares de boa pessoa, bonacheirão e no fundo um malandro; o padre Pombo, reverente e a dizer às senhoras que «se V. Ex<sup>a</sup>. se incomoda, apago já», mas sempre a engasgar toda a gente com o fumo dum tabaco espanhol que cheirava a mostarda. Estou a vê-los a todos... Minhas tias aqui, com minha mãe. Meu pai aquele canto, com os parceiros do solo, indiferente à outra gente. Pois nessa noite apareceu cá uma rapariguinha que me complicou a vida...*

Paulo caminhou até à janela e olhou para fora com atenção de explorador: era um salto pequeno e um muro também fácil de transpor, pondo pé num daqueles canteiros altos. Eduardo continuava a divagar e Paulo, sentou-se num sofá, acendendo um cigarro.

*- Era uma inglesinha, filha dum amigo de meu pai, o velho Dukes, engenheiro do caminho de ferro, que casou com uma senhora daqui perto. Viviam numa quinta para os lados de Castelo de Vide. A menina tinha estado num colégio em Inglaterra e vinha sábia ...*

*- Dá licença?*

*- Suba, senhora Luísa. É a velhota, a criada.*

E saiu do salão para ir ao encontro da mulher, que devia querer muitas explicações. Paulo ouvia-os falar e aproximarem-se. Até que Eduardo assomou à porta e atrás dele a serventuária, arrastando as alparcatas.

*- Amigo Paulo, aqui está a senhora Luísa.*

E a velha, abaixando a cabeça três vezes a seguir, perguntou:

*- Como está V. Ex<sup>ã</sup>? Passou bem?*

*- Bem, obrigado.*

Seguiu-se uma pausa para a mulher retomar o discurso:

*- Ora V. Ex<sup>ã</sup>! ...Quem havia de dizer que ainda cá voltava este ano... ia tão zangado, por haver poucas perdizes, que julguei que nunca mais cá vinha; afinal ainda não há três meses.*

*- Agora venho só passar quatro ou cinco dias para descansar. E este meu amigo também precisa de mudar de ares...*

*- Sim senhores, sim senhores.*

*- Pois, senhora Luísa, o que nós queríamos era um cafezinho bem quente e pão com manteiga.*

*- Sim, senhor. Vou só abrir as janelas dos quartos, que cheiram a pó. Com licença.*

*- Olhe, o meu quarto, é claro, é o do costume e para o meu amigo pode ser o do terraço.*

E lá foi a bater as alparcatas pelo corredor adiante.

*- É de pura raça de contrabandistas. Se for preciso ainda vai a Valência a pé, levando para lá meia dúzia de galinhas e trazendo para cá uma saca de medianas. São duma resistência de lobos e duma manha de raposas. A família desta velha é toda de contrabandistas, os mais finos e matreiros desta fronteira. Ninguém os apanha. Os outros, meia volta, estão na cadeia ou em fugas atrapalhadas largam a carga. Eles não. Têm um faro que vai longe. Adivinham. – Paulo sentou-se num sofá ao pé da janela e fumava sem ouvir. - É com um deles que conto para te guiar. E podes ir descansado. Não te aparece ninguém no caminho até Valência. Mas voltando à tal inglesinha: eu era um pobre patego do liceu de Portalegre; fiquei desnorteado. Não era talvez muito bonita, mas tinha um encanto que me embasbacava. Toda aquela noite andei em volta dela, aparvalhado. Em resumo: alguns dias depois já eu ia de noite esconder-me entre as camélias lá da quinta, para lhe falar. Saía a cavalo, dizendo que ia para casa dos meus primos jogar o bluff, entrava e saía só para minha tia me ver, e galopava às cegas, de noite, por montes e valeiros. Deixava o cavalo longe, num pinhal, e avançava através da quinta, com cautelas de ladrão. Ela, por fim, esperava-me já ao pé dum tanque que havia antes da casa. Até que uma noite muito escura, quando ia a atravessar um trigal, à entrada da quinta, ainda a uns quinhentos metros da residência, pareceu-me ouvir passos e ramos a quebrar. Parei e escondi-me. Não se via um palmo adiante do nariz. Eu tinha uma pistola no bolso, porque me constavam certas coisas. O Dukes tinha sido negreiro ... não sei se compreendes. De repente ouvi vozes perto de mim, a uns cinco ou seis passos. Eu estava encostado a um castanheiro e deixei-me ficar imóvel. Nem respirava. Eram dois tipos pelo menos. Ouvi-os segredar: «Tenho a certeza! - Não era. Onde é que ele se metia? - Vamos ver se lá está o cavalo». Não havia dúvida que era comigo. Começaram a afastar-se. Ainda percebi umas palavras soltas que me revelaram as intenções daquele passeio nocturno!...*

*- Quem quiser comprar!... boa sardinha fresca! A quinze tostões!... cada um o quarteirão!... Olhem que é boa!... Vão à casa!... do Sr. André!... da Sabina!...*

Ouviu-se este pregão em voz forte, lenta e gritada debaixo da janela. Paulo olhou para Eduardo sem ter compreendido bem o que dizia aquele homem, lá fora.

*- Que diabo é isto?*

*- É um velhote que se encarrega de lançar pregões pelas ruas; é a página de anúncios cá da terra ... Se alguém tiver perdido uma chave, ele daqui a bocado percorre a vila toda e, parando a cada esquina, grita: «Quem tiver encontrado!...uma chave!...», etc.*

Ouviam-se as alparcatas da senhora Luísa pelo corredor abaixo e ei-la que asso-mava à porta do salão:

- *Vou então arranjar o cafezinho.*

- *Sim, já sabe o costume.*

- *Sim, senhor; sim, senhor.*

E a velha recuou, respeitosamente, com um cesto na mão.

- *Mas de que é que nós estávamos a falar?*

Paulo estendeu o beíço de baixo e encolheu os ombros, atirando o resto do cigarro pela janela. Eduardo franziu a testa, querendo recordar-se.

- *Ahl ...Quando eles foram ver se lá estava o cavalo...*

## 04

A muralha protege a povoação em toda a volta, para não deixar sair nem entrar nada. Não deixar entrar a civilização nem sair o ar estranho e primitivo do velho burgo. As ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares, emaranham-se todas umas nas outras, em esquinas e ângulos imprevistos. Há casas verdadeiramente incrustadas no monte: à frente têm três andares e atrás o telhado toca no chão. É um labirinto de escadinhas toscas e vielas íngremes. As habitações, muito caiadas, com buracos que são janelas e com portas medievais em ogiva, roídas dos séculos, estão umas a cavalo nas outras, no alto do monte, a olhar para Espanha. Torres, arcos, portas, contrafortes e trincheiras, num conjunto de feroz estratégia, cercam o casario ingénuo que paira sobre a paisagem imensa. Lá para baixo contempla-se o mundo em mapa de relevo a belas cores: montes, rios, planícies, aldeias brancas, estradas, florestas. E as águias, vêm-se pelas costas, pairando em volta do despenhadeiro. Águias, corvos negros e luzidios, que têm ninhos nos buracos das pedras, milhafres, andorinhas, pardais, uma infinita fauna alada, vivendo e morrendo nas abas do grande penhasco. Lá em baixo os montes pretos com ribeiros luminosos como fios de vidro. Ao lado: vales verdes, dum verde vivo, fresco. Preto e verde. Por vezes as nuvens passam rápidas e encostadas aos telhados. Mas de repente abrem-se e vê-se que por cima estão outras com uma luz deslumbrante. É frequente descerem à terra, ficar cá em cima o castelo cheio de sol no céu azul e, em volta, lá por baixo um mar de nuvens, branco, parado. Então, sopra um vento que, rugindo pela muralha acima, as atira com violência para o céu, em jacto contínuo, como vapor duma caldeira. Mesmo nos dias sem bulir de aragem, atira-se um chapéu para fora da muralha e ele volta para trás.

05

Estavam há três dias em Marvão. Iam passear na Parada, que tem trinta metros de comprimento por trinta de largura, ou para os cem metros de estrada plana que há à saída das portas da vila. Encostavam-se à muralha e olhavam o fundo do abismo ou, ao longe, a paisagem sem fim. Vagabundeavam pelas ruas desertas e no largo da Igreja do Espírito Santo lá encontravam sempre os três velhos sentados num socalco de pedra, ao lado do templo arruinado. Eram reformados do exército, que já tinham contado uns aos outros, centenas de vezes as suas façanhas de África e agora viviam calados, concentrados nesse passado que se tinha tornado maravilhoso como um sonho.

Era raro ver-se alguém nas ruas. E quase todas as casas estavam desabitadas. Nas janelas, onde o sol punha reflexos de fogo, o vento que entrava pelos tectos rotos fazia oscilar as negras cortinas de teias de aranha. Tinham um ar misterioso e trágico. Havia ruas inteiras onde não morava ninguém. Noutras, havia duas ou três casas habitadas e, no resto, há cem anos que não entrava gente. Em algumas daquelas casas abandonadas instalaram-se pedintes, velhos ou velhas, como fantasmas, que andam dias e dias por fora, a correr as aldeias, mas que regressam sempre aos seus palácios encantados. Por entre as pedras toscas das calçadas rebenta uma ervazinha rasteira, cheia de flores. E só ao meio das ruas fica um carreiro rapado pelo passar dos cães, que são às dezenas, sem dono, esqueléticos, com um olhar triste e amigo. Durante todo o dia correm as ruelas, farejando nos cantos onde se amontoa lixo. Humildes e medrosos, são os raros seres vivos que vagueiam pelas ruas e pelos largos abandonados. Além deles só as galinhas, que esgravatam, se espolinham onde bate o sol e dão saltos para alcançarem as ervas que crescem nos muros velhos e verdes. Há também os burros que vão sozinhos à fonte beber água. As pessoas que aqui vivem só saem para ir a casa dum vizinho fazer ou dizer qualquer coisa e regressam logo aos buracos. As mulheres juntam-se nos recantos soalheiros e passam ali o dia, a costurar e a falar da vida dos outros. Os homens metem-se nas tabernas a jogar o finto: três cápsulas de bala de carabina em cima dum banco e eles no fundo da tasca a atirarem-lhes vinténs, com um certo jeito que faz ricochete. Estes são a arraia-miúda. Os outros cinco ou seis, reúnem-se na Sociedade Filantrópica e Recreativa, a jogar o burro. Por vezes ouvem-se uns urros medonhos e aparece uma espécie de chimpanzé aos saltos pela rua adiante. Range os dentes de tal maneira que se ouve ao longe. Tem as pernas em arco e a cabeça enorme, inclinada para o lado, abana sem descanso a dizer que não. É o Jana, com um esfarrapado casaco de guarda-fiscal, cujas mangas só chegam para metade dos braços, a exclamar: “Àmulamulamula!! ...” O queixo pesa-lhe tanto que lhe traz a boca sempre aberta. Pára, olha para nós e ri, alvar e inofensivo. Mas não é só este. Há mais dois loucos. O senhor Luís Pinto, de 80 anos, direito, forte e corado, bem vestido e calmo, com o seu grande chapéu de sol, sempre aberto. Foi secretário da Câmara e pessoa considerada. A pouco e pouco veio-lhe a mania de que era filho de Mouzinho da Silveira, o ministro que tem uma lápida de homem célebre, ali na Câmara Municipal. E vem falar-nos do Papá, perdendo então a

calma, discursando, berrando, chorando. Quando apanha aberta a porta do antigo tribunal, vai para ao pé da alta cátedra do juiz (que tem a tal placa comemorativa da passagem de Mouzinho) e faz uma cena impressionante. Certa vez foi a casa buscar as obras do Papá e encheu o cadeirão de livros: "São desta cadeira." O Jana despreza-o e, quando o vê, tem um sorriso de troça. O outro é o Manuel Maluco, que tem de estar preso, porque ao darem-lhe os ataques despe-se na rua, vai arrombar portas e esconder-se nos caminhos dos arredores para assaltar as mulheres. Lá está às grades da cadeia, todo nu e a cantar. Há dois meses. E todas as noites canta, canta até de manhã. Tem andado a fazer um buraco na parede, que já tem dois metros de fundura. As pedras são todas atiradas cá para fora, para o Largo da Câmara. Partiu as vidraças fronteiras. Ataram-lhe os pulsos com uma corda, mas tanto gritou que lha foram tirar. Já tinha as mãos pretas. Se não morrer ali, há-de ir para um manicómio, quando houver vaga, porque dizem que tem cura. Esta é a segunda vez e da primeira ficou bom. Andou cinco ou seis anos bom. Agora com a falta de trabalho passou fome e deu-lhe outro ataque. Rasgou-se. Ficou nu. Dum cobertor fez uma longa fita, e enrolou-a por uma perna acima, até ao pescoço. Chegou ao Largo do Pelourinho e começou a desenrolar a faixa. E quando a Guarda Republicana acudiu já não foram capazes de o agarrar. Foi emboscar-se nos caminhos para assaltar as mulheres. Este é o terceiro dos exemplares de aparência mais estranha. O resto é gente como a das outras partes do mundo. Os quatro ou cinco funcionários passam às onze horas para a repartição, indo atrás deles a criada com a braseira acesa, se é no Inverno, e regressam às cinco, indo atrás deles a criada com a braseira apagada. O médico, de grandes barbas brancas, sai, de manhã, a cavalo na mula, desce a encosta e vai dar a volta ao concelho, regressando só à noite, exausto mas pronto a voltar onde for preciso, protector dos pobres, incansável e desinteressado como um apóstolo. Os únicos que passeiam são os seis soldados da Guarda Republicana que estão lá em cima, num velho palácio que tem na frontaria um enorme brasão em pedra branca e fundo de cal azul. Esses andam para cá e para lá, no pequeno largo em frente do quartel, jogam a malha e sentam-se a dormir ao sol. Paulo conversava com eles demoradamente, colhendo informações que lhe seriam talvez úteis algum dia.

Porém, Eduardo impacientava-se com tudo. Não podia mais. O amigo teimava:

*- Mas que estás tu a fazer aqui? Volta para Lisboa e fica descansado. O homem chama-se Bugalhão? Pois logo que saia da cadeia me entenderei com ele. Não podes demorar-te mais aqui. Dizes a esta gente que voltas para a semana: assim já é natural que eu fique.*

E os dois amigos passeavam a par e a passo certo, debaixo das três árvores da parada, o chão liso e mole, era fofo da terra humosa das folhas podres. Eduardo caminhava em silêncio, de cabeça baixa, olhando para o chão. E Paulo, com a sua voz serena, dizendo só as palavras necessárias, raciocinava friamente. Com trinta anos, enérgico de espírito e de corpo, era o verdadeiro homem de acção, a que as várias revoluções nas ruas de Lisboa tinham desenvolvido aptidões invulgares. Passar uma fronteira era coisa que o preocupava pouco.

- *Vais hoje?*

- *Vou.*

O pôr-do-sol transformava a paisagem infinita que ali tinha estendida aos pés. Caía até aos confins do mundo uma paz grandiosa, envolvendo tudo num silêncio religioso. Calaram-se e ficaram a olhar o horizonte desfeito em vermelho e roxo e azul. Da torre começavam a cair, espaçadas e tristes, as badaladas das Ave-Marias, de som lúgubre e acabado. Ficou outra vez a mesma paz e silêncio sobre o mundo. Deram mais alguns passos e envolveu-os a repentina noite das serras.

## 06

Três dias depois o Bugalhão saiu da cadeia, mas ninguém o viu aparecer na vila. A mulher, rodeada de seis filhos pequenos, negros e de olhar vivíssimo, dizia: «O meu homem? Há-de andar por aí...» Só se sabe de um contrabandista quando está na cadeia. Paulo já tinha várias vezes ido perguntar por ele a pretexto de querer que lhe trouxesse água-de-colónia. Toda a gente sabia que tinha vindo para ali descansar uns dias e que o senhor Eduardo voltaria em breve. A não ser que os afazeres não lhe dessem mais folga. E então também ele não se demoraria por aqui muito mais tempo e regressaria a Lisboa. Entretanto ficava e gostava. Todos diziam: “Sim, isto não terá mais nada, mas é um ponto de vista muito bonito e tem boas águas e bons ares. São novecentos metros de altitude!... O senhor até já está mais corado. Isto faz bem! ...”

Todas as manhãs e todas as tardes Paulo ia para o castelo ler. Pisando os magníficos tapetes de relva verde, procurava uma sombra e, sentando-se sobre qualquer velha pedra caída, ali ficava horas sem fim.

Numa dessas manhãs, voltando para casa, viu aberta a porta da Igreja de Santa Maria e entrou. Estava deserta. Mais uma vez ia ver se alguma coisa por ali estaria ainda esquecida do pilhar dos bárbaros. Mas ao dar os primeiros passos no barulhento sobrado de tábuas velhas e soltas reparou que estava alguém ajoelhado na capela lateral. Era uma mulher, dobrada e imóvel, com um véu preto pela cabeça. Para não fazer mais barulho, Paulo sentou-se num banco e esperou. Olhava o São Jorge pisando um diabo horrendo, reparava numa imagem antiga, de São Pedro, com as chaves doiradas, quando a devota se levantou. Era alta e elegante, bonita, de grandes olhos luminosos. Saiu também. Viu-a descer a rua íngreme e desaparecer em baixo, no emaranhado do casario branco. Admirou-se da atitude perplexa em que ficara a olhá-la. A surpresa do encontro, a ideia de que ia partir talvez no dia seguinte? Na verdade, já devia estar em Espanha ... E com raciocínios prudentes procurava arrefecer as ideias aventureiras. Caminhando com passo rápido, chegou a casa e subiu a escada, saltando os degraus a dois e dois.

O entusiasmo atraía-o. Mas ao mesmo tempo reflectia na leviandade. Mal lhe tinha visto a cara! E Marvão não é Paris. Os amores têm um programa simples e um andamento difícil. Porém, aquela mulher também não devia ser de Marvão... E foi para a sala de jantar, sentou-se ao fundo da longa mesa e deu uma forte pancada no gongo de latão, que soou como um sino. A velha Luísa apareceu logo, apressada, com uma terrina a fumer.

- Ora, sra. Luísa, diga-me lá: quem são as meninas casadoiras cá da terra?

- Ah! Isso há por aí algumas, sim, senhor Doutor. Temos ...

- Quem é uma: alta, vestida de preto, com seus ares de princesa?

- Alta?... vestida de preto? ... Ah! Só se for a Ricardinha, filha do senhor Vilar. Mas não são de cá. A menina herdou dum tio, e o tal Vilar veio para aí há coisa de um ano. Até dizem que veio fugido. Hum ... É gente esquisita ... Ninguém gosta deles. Tanto o pai como a filha têm lá as suas manias e um modo de viver que não quadra com o da gente cá do sítio. O senhor Doutor Médico é quem os conhece melhor e diz que são boas pessoas. Eu cá não sei. Passam por alguém e é só: "Bom dia, boa tarde." Nem mais palavra. Da vida deles ninguém sabe nada. E por isso cada qual se bota à fantasia. Mas o senhor Doutor viu-a? Na igreja ... Ah!, logo vi. Que ela não sai de casa senão para ir à igreja. Grandes pecados há-de ter para tanto ajoelhar. Que eu sou muito cumpridora, mas com medida, que aquilo é por demais... E como aqui não há padre - porque não sei se o senhor Doutor sabia: aqui não há padre, só aos domingos é que cá vem o padre João, de Santo António das Areias -, mas o que é que eu ia a dizer, que até se me varre o juízo com estas coisas... Ah!... que como não há padre, ela tomou conta da igreja. O sacristão deixa-lhe a porta aberta e a menina Ricardinha e os cães vadios, quando lhes dá o calor, é lá que se metem. ... Ora valha-nos Deus! E o que aquela alma recebe do correio todos os dias? Se o senhor visse! Mas vá, vá um dia lá ao correio e veja. São livros e mais livros e jornalada numas línguas que não é falar de cristãos. Que não sou eu só que o digo. É quem sabe... Olhe, o senhor Padre Dias, o Sr. Gomes da Câmara, e mais ... Ninguém entende para que é aquilo. Só para mal. O senhor bem compreende melhor disto do que eu ...

E ficou calada, um pouco confusa, julgando ter ido além do que devia no seu ataque àqueles mistérios insondáveis. Paulo ouvia-a em silêncio, mas com uma curiosidade cada vez maior. A velha, contudo, ao vê-lo com ar de quase desatento, julgou que estaria descontente com o arrazoado. Então, vendo que ela se calara e estava um tanto embaraçada, deu-lhe alento para mais.

- Pois estou aqui há uma semana e ainda não sabia nada disso.

- Não tinha calhado falar-se.

- E então que mais é que sabe?

*- Ora, sei lá ... Saber não se sabe nada. Se o senhor acreditar que eu nem nunca lhe vi bem a palmeta da cara... Dizem que é bonita. Sei lá! Será ... Há festas, não vai às festas. Há tourada em Santo António, não vai. Há as grandes festas de Portalegre, não vai. É como se não houvesse mundo. Até me lembra que sejam malucos... Cruzes! ...*

E persignando-se para afastar o Diabo que devia ter-se aproximado ao cheiro do dislate, agarrou no prato vazio e foi lá dentro buscar o resto.

## 07

Os primeiros três dias de paragem forçada às ordens do amigo tinham-lhe modificado os planos. Aliás já trazia essa vaga tenção: não sair de Portugal. Talvez a polícia não tivesse chegado a descobrir nada a seu respeito. Estaria aqui mais um tempo até o esquecerem, deixaria crescer a barba e o bigode e regressaria à capital, onde os companheiros precisavam dele. Isto dependeria, contudo, do andar dos acontecimentos. Saboreava a paz da vilória morta, onde não chegavam bulícios do mundo, onde não havia jornais nem notícias de nada. Este castelo e esta gente não existem para o resto do mundo nem o resto do mundo para eles. Às poucas pessoas com quem tinha falado e que, admiradas, lhe perguntavam se não se aborrecia assim sozinho, dava uma explicação: estava a escrever um livro e precisava de sossego. Todos ficavam a olhá-lo respeitosos e lisonjeados por ele ter escolhido esta terra para vir escrever um livro. E passeava com um romance debaixo do braço, um maço de folhas de papel branco entre as páginas e uma caneta no bolso.

Até que um dia, aproximava-se do castelo, como era já seu hábito, quando viu que a porta da igreja estava aberta. Sem alterar o passo dirigiu-se para lá. Se Maria Ricarda aí estivesse, falar-lhe-ia sob qualquer pretexto. Entrou, com as tábuas do sobrado a gíngarem-lhe debaixo dos pés. Lá estava no mesmo sítio. Parou a meditar um plano de acção. E foi sentar-se no mesmo banco em que estivera da primeira vez. Mas este cambaleou e ia-se virando. Reconhecendo a inspiração da divina Providência, encostou-lhe a mão prudente e tombou-o. Foi um estrondo medonho que ecoou pelas abóbadas sagradas. Decorreram poucos minutos até que a jovem se ergueu e olhou em volta, compondo o véu. Dirigia-se à porta, quando Paulo lhe cortou o passo:

*- Perdoe-me ter interrompido as suas orações duma maneira tão desastrada...*

Ela parou, e com a cara meio oculta pelo véu, respondeu com uma voz sorridente.

*- Não foi por mal...*

E desviando-se, num passo rápido saiu da igreja, sem lhe dar tempo de acrescentar uma palavra mais.

08

O longo isolamento é tão enérgico para o espírito que só os fortes o podem aguentar com bons resultados. Dos profetas aos anacoretas, a prática deu grandes provas.

Paulo só conhecia as solidões modernas: o quarto de aluguer e a multidão das cidades no meio da qual se anda tão só que nos sentimos longe de nós próprios. Mas essa não é a verdadeira solidão. A verdadeira é no alto duma montanha. Porque é indispensável a continuidade que aumenta a tensão até ao limite da resistência. E aí é que começa a claridade. Paulo principiava agora a olhar a vida e as ideias sob uma luz nova. Estes dez dias de distância do mundo, metido ao canto dum casarão soturno, sentado sobre as ruínas musgosas dum castelo, ou a vaguear por aquelas ruas desertas, tinham-lhe puxado pelos nervos e pelo espírito até onde devia ser. Não era S. Paulo na estrada de Damasco, mas o fenómeno parecia-se, guardando a devida proporção. De repente viu. E, depois de ver, compreendeu. Tinha chegado ao ponto em que se vão tomar decisões que pesam para toda a vida. Era a conversão a outra mística. Deixaria os seus companheiros de luta, a não ser que eles seguissem a mesma estrela, deixaria os amigos, tudo! Era o destino do mundo e o dele. Entre as suas ideias e os seus actos tinha existido sempre uma ligação directa. Se há inimigos, mais uma razão de urgência para saltarmos ao combate. Sem quixotismos, isso sim. Só quando haja algumas probabilidades de vencer e não todas as de ser vencido, que é uma variante da traição.

E com estas e outras meditações Paulo vagabundeava pelas ruínas do castelo, pisando o belo tapete de relva, entre os restos das muralhas e torres aveludadas de verde musgo. Alongando o passeio, subiu a escada arruinada que trepava a um bastião. Ao chegar lá acima, ia alargar a vista à paisagem quando viu brilhar, em baixo, um vestido azul, à sombra duma árvore, entre dois panos de muralha. Um discreto esconderijo, que à entrada do castelo ninguém se detinha a explorar à esquerda e à direita, passando os arcos e portais, com mira na torre de menagem, donde se estende a vista por serras lusitanas e campinas de Espanha. E os cantinhos românticos e melancólicos mantinham-se virgens dos passos do raro turista e ainda mais dos do indígena.

Era ela. Deitada sobre a relva, lia um livro. Ao lado estavam duas revistas e um jornal. O vestido azul moldava-lhe o corpo e o vento balouçava-lhe os anéis do cabelo doirado. Ficou do alto a admirá-la, como um Júpiter planeando o seu rapto de Europa. Por fim regressou pela mesma escada de pedra desmantelada e, fingindo um vagabundear descuidado, encaminhou-se para o refúgio de Maria Ricarda. No labirinto de arcos, portas, contrafortes, torres e passadiços, parecia que para ali não havia passagem. Já do cimo da torre Paulo o notara com estranheza: não se via o caminho. Era sobre a cisterna que os respiradouros assinalavam. Reparou numa estreita brecha. Tinha de se passar de lado, pois não dava largura para os ombros. Fazendo de conta que não a tinha visto e olhando

para outro lado, desceu os três degraus de acesso ao terraço e foi caminhando. Até que simulou a surpresa e estacou:

- *Perdão.*

Ela ergueu os olhos do livro, e Paulo continuou:

- *É a segunda vez que a interrompo... Começo a considerar-me um importuno...*

- *Não... por tão pouco...*

E baixou os olhos para continuar a leitura.

- *Aproveito este momento para lhe dar mais uma explicação sobre o incidente de há dias na igreja.*

Parou de ler e, encostando a cabeça ao musgo das pedras, olhou-o com ironia. Paulo respondeu ao desafio:

- *O banco que caiu, perturbando as suas orações, fui eu que o deitei abaixo propositadamente ... para lhe pedir desculpa. Precisava de lhe falar e de ouvir a sua voz. Mas não julgue que fiz aquilo com intenções de D. João ... Não tenho capa nem espada... O que tenho é a ânsia de encontrar alguém com quem fale, com quem converse, alguém que me entenda e que eu entenda, ou então tenho de fugir desta terra, onde só vejo, pelas ruas, loucos e cães vadios ...*

Maria Ricarda sorriu e ouvia-o agora com uma leve curiosidade no olhar:

- *Eu não sei, ou sei talvez vagamente, quem você é. Nem é talvez preciso saber, apesar das convenções. Quem me falou de si foi uma velhota que tem a seu respeito, e de seu pai, ideias tenebrosas... Fiquei interessado em conhecê-los. Mas quem podia apresentar-nos? Ora como não me dou facilmente por vencido, tentei ... atirando ao chão um banco da igreja. A intenção era tão pura que sei que o seu Deus me perdoou ...*

- *Porque é magnânimo. Que um estrondo daqueles não é muito fácil de perdoar ...*

- *A intenção é que vale...*

- *«De boas intenções»...*

- *Já não é só por isso que irei para o Inferno...*

- *Sim, não é o bastante...*

- Não vai ouvir-me em confissão ... Em todo o caso não me daria maior penitência que quinze dias em Marvão.

- Não gosta de castelos...

- Gosto, mas já não posso mais...

- Tem bom remédio .

- Ir-me embora... Bem sei. Mas vim para trabalhar, trouxe uma mala de livros e de papéis e não consigo a disposição de espírito necessária. O excesso de solidão escangalha-me os nervos.

- A única coisa que aqui vale a pena é a solidão nesta paisagem. Falo como uma velha, com muita sabedoria e juízo ... como vê. Estou aqui há um ano, só a ler livros ajuizados e a passear por estes montes.

- É de Lisboa?

- Não. Mas não queira também ouvir-me em confissão. Com o meu ar de civilizada, numa aldeia destas, pareço-lhe uma mulher misteriosa. Posso pensar o mesmo de si... Mas o mistério tem seus encantos. É melhor não os perder.

E, pondo-se em pé, acrescentou, num tom de quem corta um assunto a que voltara sem querer:

- Começa a estar frio. Então desejo que não se demore nesta terra...

- O seu sorriso de ironia é uma ordem... Mas, ainda que pudesse obedecer-lhe, gostaria de contrariá-la.

- Uma ordem, não...

- E seria impertinente desobedecer...

Tinham chegado à porta das muralhas. Em baixo, os telhados da povoação eram uma tapeçaria de cores apagadas, onde as ruas estreitas traçavam linhas negras. Estava ali um passado morto que, de repente, os afastou, numa grande nitidez, da vida presente.

- Adeus. – E ficou parado, a olhá-la.

- Adeus.

Estava uma noite negra. Já tinham soado, há muito, as badaladas das onze.

- *Vai sair a procissão.*

Quando chegaram ao largo do pelourinho, viram, ao fundo da rua, uns pontos de luz que balançavam, avançando das profundas da treva. O rrrraá-rrraá áspero duma matraca aproximava-se sem se ver ninguém. Em todas as janelas tremeluziam pequenas velas encostadas por dentro das vidraças. Até que, de repente, a dois passos, surgiu do denso negrume um homem que fazia girar na mão o rodízio de som desagradável. Começaram, então, a passar uns vultos cobertos por longas capas pretas, com a cabeça escondida por enormes capuzes em bico. Levavam na mão umas tochas de metro, que espalhavam mais fumo do que luz; outros erguiam na ponta de paus uns lanternões de lume baço e amarelo. Caminhavam a passos lentos, travados, em duas filas, de cada lado da rua, rentes das paredes. Era a Irmandade. À frente, perdido na sombra da noite, o grande pendão, onde, por vezes, passavam uns reflexos de damasco vermelho, e atrás dele uma jovem amortalhada, expondo a Verónica. As duas filas de vultos passavam num lento escorrer de sombras disformes. Agora, mulheres e homens vestidos de luto, Nossas Senhoras descalças, arrastando mantos alvacentos e crianças vestidas de anjos brancos, com as asas abertas. Da sombra avançou pesadamente uma massa confusa que a pouco e pouco se veio definindo: são seis homens transportando, aos ombros, o esquife com Cristo morto, embrulhado num lençol, só com a cabeça de fora, uma grande cabeça com cabeleira de mulher e fios de sangue a escorrerem da testa meio tapada pela coroa de espinhos. O esquife vai cercado de lanternas que espalham uma luz sinistra. Poucos passos atrás, com sete punhais cravados no peito, segue-o a Senhora das Dores, em pé, serena sobre o seu andor. E vão aparecendo os painéis com pinturas, erguidos na ponta de varas. Já se perde ao longe o ronco áspero da matraca. Mas no silêncio da noite avoluma-se o arrastar dos passos de toda aquela gente, um arrastar lento e compassado. Por fim, rodeado de lanternas doiradas, avança da penumbra o pálido oriental, de damasco vermelho, cobrindo os três padres, que alvejam paramentados de casulas, pluviais e dalmáticas recamadas de ouro. O prelado que caminha no meio segura sobre o peito a custódia em sol resplandecente. E os notáveis da terra cercam os vigários do Senhor, segurando as varas do sobrecéu. Logo atrás, em seu lugar de honra, caminha, com toda a solenidade o sr. Luís Pinto, louco mas com perfeito ar de pessoa de juízo, levando, contudo, o eterno guarda-chuva, enfim fechado e pendurado no braço. Continuam a passar em fila, Nossas Senhoras e anjos, todos já a cair de sono, mas sempre com as asas bem abertas, devotas e devotos lutuosos, dobrados em atitude de recolhimento, com seus rosários enrolados aos pulsos. No fim vem a música com passo balançado, arrastando uma marcha fúnebre e desafinada. E o remate são vinte pessoas, de chapéu na mão, com o mesmo passo cadenciado, lento e funéreo – com olhos de sono. Vai toda a gente da vila e muita, que veio das aldeias. Mesmo os ateus. É uma festa como qualquer outra. Na Semana Santa as

procissões sucedem-se sem descanso, de dia e de noite, todos os dias e todas as noites, por aquelas ruas estreitas e tortuosas. As igrejas estão cheias de luzes. Mas aquela donde vem a procissão fica deserta, sem gente e sem santos, com um ar tétrico que faz calafrios. A outra para onde vai enche-se, até à porta, de multidão atenta a um famoso pregador que, debruçado no púlpito, começa o sermão patético:

- *Ó miseráveis! Ó desgraçados! Ó miseráveis!, que fostes vós que o matastes!!!...*

Está rubro, congestionado, com a língua presa. A voz ecoa pelas abóbadas do templo. O aroma do incenso foi absorvido por um pestífero fedor dos corpos suados. Porém, começa a notar-se que o predominante é um hálito de vinho: está quase toda a gente bêbada, a cair, aos molhos, encostados uns aos outros ou contra as paredes. Ouve-se lá fora um arranque de vômito. E o pregador clama sobre as cabeças condenadas:

- *Em verdade! Em verdade vos digo!...*

## 10

No silêncio da noite velha, estava ainda sentado à mesa a escrever; quando ouviu três pancadas na porta da rua. Poisou a caneta, dobrou os papéis que meteu no bolso, tirou da gaveta outro carregador da pistola, uma caixa de balas e, a passos lentos, atravessou na direcção da sala grande, que dava sobre o jardim. Então ouviu passos, em baixo na cozinha. Já andava alguém dentro de casa. Mas batiam outra vez na porta da rua. Pelas janelas viu que a noite estava escura como um poço. Boa ajuda para quem tinha a casa cercada e visitas sem convite a subir a escada. Abriu a porta do terraço, com tenção de saltar dali e correr para a brecha da muralha, que se escancarava a dez passos. Às duas esquinas da casa devia estar gente. Mas não havia melhor caminho. E, pendurado no muro, deixou-se escorregar e cair para a rua. «Quem está aí», rosnou uma voz rouca. E logo uma fita de luz cortou a viela. Correu para o paredão arruinado, já batido pelo foco policial. Soaram dois tiros e logo outro do lado oposto. Sentiu o golpe no ombro esquerdo. Saltou as pedras desmoronadas e resvalou pela encosta acamada de fetos. Mau caminho para corridas. Porém sabia-o plaino logo abaixo, e, a meia lomba, coberto de castanheiros. Caiu, levantou-se e viu-se outra vez apanhado pelo foco da lanterna. Mais tiros. Chegaram-lhe vozes atiradas como ordens e compreendeu que era grande a montaria. Maior o mundo na sua frente e mais poderosa a noite que lhe punha a mão por cima. Também os castanheiros ali estavam a murmurar ao vento e a recebê-lo no seu labirinto. Seguiu a passo, com as mãos na frente, não fosse esbarrar em algum deles. Mas começou a ter os olhos habituados à treva e a adivinhar o vulto dos troncos que se aproximavam. Um combro e duas rilheiras deram-lhe aviso de que estava em caminho trilhado. Meteu à ladeira virada ao rio que marcava a fronteira de Espanha. A passo largo foi descendo até onde apercebeu o bifurcar da vereda. Estava em campo

sabido. Uma mais breve, outra de mais largo rodeio; preferiu a rota que o levava a desvio maior, pensando que os perseguidores, julgando-o apressado, seguiriam o trilho mais curto. Pouco andara quando ouviu outras vozes. Cortou para a borda do caminho e escondeu-se no matagal. Um tropear de besta ferrada era sinal de contrabandistas ou recoveiro. Bastou-lhe ouvir a interrogação:

- *E o Carlos?*

- *Levava café.*

Voltou ao caminho e acendeu a lâmpada. A poucos passos esbarrou com eles. Não rezearam o encontro, pois, de luz acesa, não era a guarda fiscal que ali lhes saía.

- *Boa noite - disse Paulo, parando.*

- *Boa noite ...*

Era o «Falcoeiro» e o filho.

- *Por aqui não vão bem. Vem grande tropa atrás de mim...*

Olharam-se um momento em silêncio e Paulo continuou:

- *Preciso de passar para Espanha. Venha um ensinar-me o caminho.*

- *Não pode ser. Levamos carga.*

- *Vai um. Quanto querem?*

- *Não é por isso.*

Tirando uma nota grande meteu-a na mão do Falcoeiro, que respondeu, ainda hesitante:

- *A gente arrisca-se...*

- *Arriscam-se todos os dias...*

- *É certo. — E voltando-se para o filho: - Fica ali no moinho e descarrega. Estou cá de manhã.*

E virou costas. Paulo seguiu-o, explicando:

- *Olhe que não ando fugido por ladrão nem por morte de homem...*

- *Políticas...*

E seguiram calados. O Falcoeiro, com seu passo leve, calçado de alparcatas de borracha, era uma sombra que lhe fugia na frente.

Um murmúrio de águas chamou-os à borda do caminho. Desceram a uma terra alagadiça. A cortina dos salgueiros erguia uma parede na sombra, mas o contrabandista continuava a caminhar como em estrada soalheira. Até que se meteu no meio das árvores e parou, à escuta. Paulo só ouvia o rolar das águas. O Falcoeiro deu mais três passos. Estavam na borda do rio.

*- Dá água pelos peitos. É melhor tirar a roupa – aconselhou, começando a despír a camisa. – É melhor pôr tudo dentro do casaco e atar com as mangas.*

Apertado o fardo, meteram-se à água, que cortava como gelo, e foi subindo até lhes dar pelos ombros. Erguiam a roupa numa das mãos e com a outra aguentavam-se contra a corrente. Até que chegaram à outra margem. Com força, esfregaram as pernas e os braços. Paulo batia os dentes.

*- Vista-se. Com o andar seca.*

*- Quanto é daqui a Valência?*

*- Uma hora, a andar...*

Doía-lhe o ombro. Passou a mão e veio outra vez molhada. Era sangue.

*- Apanhei uma bala num ombro.*

O Falcoeiro tacteou com a ponta dos dedos, como entendido.

*- Não é nada.*

E pegando na camisa de Paulo, arrancou-lhe uma das mangas e, atando-lha sobre a ferida, concluiu:

*- As pernas é que fazem falta.*

## II

No alto da torre, em suas altas pernas de arame, lá estava uma cegonha, indiferente e solene, batendo a matraca do enorme bico. Recostado na cabeceira da cama, Paulo descia a vista sobre as árvores da Plaza del Ayuntamiento, por entre cuja folhagem verde se desenhavam os arcos dum claustro monástico. Da fachada da igreja decrépita divagava pelos telhados negros de musgo, espraian-do o olhar até aos montes vermelho-tijolo, subindo ao azul do céu, onde outra cegonha baixava com uma cobra no bico. Era a pintura encaixilhada na janela

do quarto, por onde entrava a confusa vozearia das gentes que, na Plaza, todas as manhãs transformada em mercado, traficavam e charlavam. Vagamente olhava e vagamente ouvia. Nítido só era o sonho e os caminhos que nele via. Mas a distância que no mundo material ainda parecia verdadeira em si não existia já.

12

- *El senbor D. Bugalhão.*

- *Que suba.*

E Don Juan Cotrina voltou atrás e chamou do cimo da escada. Paulo estranhava aquela visita do contrabandista que, com seu tipo crioulo, pequeno e magro, vestindo calça de pana preta, jaleca esticada, alparcatas de sola de borracha e boina espanhola, surgiu, silencioso, na sombra do corredor.

- *Dá licença?*

- *Entre.*

Na face escura e luzidia, os olhos resumiam-no: calmos, mas vendo tudo num relance, aparentando um fito mas olhando outro. Tirou uma carta da cinta larga, de quatro voltas.

- *Manda a senhora.*

- *Quem te disse que eu estava aqui?*

- *Ninguém. Vi-o ontem, a esta janela. Quando cheguei a Marvão, fui dizer à senhora Ricardinha que V. Ex<sup>a</sup>. estava bem e ela mandou-me voltar lá à noite.*

- *Senta-te aí.*

- *Com licença.*

A epístola não trazia novidades, mas leu-a com avidez enquanto o contrabandista, disfarçadamente, o olhava de través, irónico. Releu. E depois voltou-se para o portador:

- *Podes vir logo à tarde buscar uma carta?*

- *Sim, senbor.*

- *Que dizem por lá a meu respeito?*

Encolheu os ombros.

- *Que o senhor é da política.*

- *Sabes se a polícia voltou lá?*

- *Não consta.*

- *Bem, então até logo. Não te esqueças.*

Passeou pelo quarto, parou à janela, e por fim sentou-se a escrever a carta de que Don Bugalhão seria portador seguro.

### 13

-*Também por cá?*

Paulo não reconheceu a pessoa que lhe falava afectuosamente, avançando já com a mão estendida, mas respondeu:

-*Também.*

- *Pois, meu amigo, eu estou aqui há já um mês e não sei por quanto tempo ainda! Foi um desastre! Quando não vencemos agora, nunca mais! nunca mais! Ah! não, não me diga que é preciso persistência, organização, fé! Tudo tem havido e nada se tem feito. Falta de chefe, meu caro, falta dum chefe com mão de ferro e cabeça de águia. Aqui de longe, no exílio, a comer pedras, vejo as coisas bem. Uns canalhas! Uns cobardes! E nós para aqui, na última... Olhe o Francisco Matos, é aquele com quem estou ali ... Está na última miséria. Eu tenho feito tudo por ele, mas agora já não posso mais. Também não tenho. Comecei ontem a fazer uma subscrição a ver se lhe consigo umas pesetas que dêem para o bilhete até Granada, porque ele tem lá família. E já que falámos nisto: você quer ajudá-lo com alguma coisa?*

- *Não faço a menor ideia de quem é esse Francisco Matos.*

- *O Francisco Matos! Então não se lembra, quando foi da revolução de Julho, aquele alferes que esteve na ponte, toda a noite, com uma metralhadora?! ...*

- *Ah! disse Paulo, sem se lembrar de tão heróico episódio. E tirou do bolso umas moedas que lhe entregou.*

- *Não dou mais, porque estou sem dinheiro.*

E, despedindo-se, continuou pela rua adiante. Quem seria este tipo? Talvez também conspirador a ares, mas evidentemente um malandrim qualquer.

14

A estrada deserta. Em volta o rumorejar das árvores. A noite estava luminosa e cheia de estrelas. Foi caminhando. Viu uma sombra sentada na valeta. Mas passou calado. Se fosse o Falcoeiro, ele daria sinal. Não era. Tinha andado mais uns quinhentos metros, quando do lado saiu um vulto.

- *Boa noite.*

- *Julguei que não tinhas vindo.*

- *Vim cá mais para diante, porque anda aí gente.*

- *Alguma coisa?*

- *Não é nada – respondeu num tom que queria dizer: «Sim, mas nós sabemos trocar as voltas»...*

E saindo da estrada desceram para um pequeno atalho que se afundava entre dois muros cobertos de silvas e heras. Pela terceira vez Paulo corria aquela aventura de ir lá acima a Marvão falar à doce apaixonada e começava já a achar isto fácil e sem perigo. O velho Falcoeiro conhecia a região como os cantos da própria casinhota onde vivia. Desde os 7 anos que andava neste vaivém de passa-fronteira, carregado de café e de galinhas, na ida para Espanha, ajoujado de alpargatas e sedas, na volta. Tivera bom mestre: o pai, campeão de toda a fronteira enquanto Carmencita não lhe embrulhou a vida.

- *Meu pai era um homem. Apanhou muito mergulho mas sempre a esgravatar pròs filhos, sem ranger. Até que se esbarrou na espanhola. Andava numa levitação!... Nem benzido. Fazia quanto ela quisesse. Arranjou-o bom e teso.*

Desabituaado de falar, as frases saíam-lhe curtas e desligadas, mas carregadas de sentido. Era seguro no que dizia, como no que fazia. Poucas vezes tinha sido apanhado. É o homem da sorte, diziam os outros. Mas não. Ele sabia: era faro.

- *Ainda ontem ia com um odre de azeite. O patrão sabe que o azeite pesa como pancada. Estava a verdadeira noite da tumba. Não via um palmo adiante da testa. Antes do rio, ali para os lados da Fontanheira, há uns penedos. Bateu-me no coração. Mas não tinha ouvido nada, nem um rato. Poisei o odre ao lado do caminho, atrás da erva e andei. Tinha passado os tais canchos e ouço-os nas costas: «Alto!» Como eu não levava nada, deixaram-me ir. Deitei-me adiante, no meio do trigo, e quando os senti ao longe voltei e carreguei o azeite. E, como esta, outras vezes.*

- *E a sorte, ou o tal faro, nunca falharam?*

- *Quem anda à chuva molha-se.*

Fazia uma pausa entre cada frase, para ouvir o silêncio.

- *Tenho cinco tiros no corpo. Um ia-me passando. Tive o padre à cabeceira, a resmungar. Quando me pus em pé fui levar um vestido de seda à Senhora da Estrela, que é minha madrinha. Mas não lhe vestem. É toda de prata e de tempos tão antigos que dizem que não há nenhuma no mundo assim tão bonita.*

- *Acreditas em Deus?*

- *Só rezo à Senhora da Estrela.*

Ouviu-se o barulho das águas do rio. Andaram mais uns passos e estavam na margem cortada a pique. O rio lá em baixo, soturno. Iam procurar, mais ao norte, um sítio onde passar a vau e mesmo assim com água de matar cães. Descalçaram-se, despiram as calças e meteram-se ao enxurro que escavava debaixo dos pés, e logo subiu até aos ombros, uma água negra, duma presença sobrenatural, que pesa aos mais afoitos. Movendo as pernas com dificuldade, foram avançando e afundando-se na corrente, que lhes tolhia e torcia os passos. Numa das mãos seguravam as botas e as calças, com a outra a camisa e o casaco, à altura da cara. E assim chegaram à outra margem, que era Portugal. Vestiram-se e a pele molhada depressa enxugaria com o puxar pela ladeira acima. Dali para diante, o Falcoeiro foi andando bem à frente, como cão de venta fina. Forte ataque de tosse seria sinal de fuga. E lá iam. Não se via estrela no Céu nem luz na Terra e Paulo meditava nos perigos destas incursões. Mas a força que o levava não era das que dão grandes prudências a alguém. Sobre todas as coisas e contra todas, punha agora o seu amor invencível. De cinco sentidos alerta, já distinguia bem a sacudida fuga dum coelho ou o silencioso sumir de raposeta.

Chegavam às portas da muralha da vila, quando o relógio da torre da Câmara bateu as duas horas. O Falcoeiro ia à frente, agora perto, a trinta passos; passava o primeiro arco, mais adiante o segundo, logo acima o terceiro, todos em ziguezague estratégico. E Paulo avançou, sentindo o caminho livre. A última porta do castelo medieval encaixilhou a esquina de uma rua sombreada pela luz amarela de um candeeiro. O Falcoeiro, ágil e solerte, desaparecera numa daquelas ruelas apertadas do burgo primitivo, cheio de sombras e mistérios. De longe em longe, surgia o halo sombrio dum lampião de petróleo, que o vento estremecia. Paulo espreitou o Largo das Touradas e viu o Falcoeiro subir ao seu posto de espião da noite.

Maria Ricarda saía da porta entreaberta, e apertavam-se num abraço demorado, como se a viagem tivesse sido longa e por entre grandes perigos, ou não se vissem há anos. Tudo em volta dormia. Só as corujas resfolgavam nas torres arruinadas das três igrejas e o relógio da Câmara alarmava o silêncio do mundo, batendo o sino das horas, repetindo...

15

- *Bautista, eso... arriba!*

Comprava a roupa necessária a quem perdeu a que tinha. Foi a casa deixar a carga que um rapazito transportava e veio vaguear pelas ruas a ver se encontrava algum conhecido que servisse para espalhar a notícia de que ia hoje à noite até Madrid, onde se fixaria. Entrou nos cafés, passeou na Praça, que as árvores escureciam de sombra, e andou vagabundo, enquanto o dia acabava. Por fim topou um ilustre patricio: o Coutinho dos porcos. Não podia calhar melhor. Esse pobre diabo anseia sempre por dar uma novidade. A primeira coisa que pergunta a quem encontra na rua é sempre:

- *Então que há de novo?*

Não havia nada.

- *Vou até Madrid.*

O negociante de porcos abanou a cabeça para diante e para trás:

- *Faz bem, isto aqui...*

E torceu o nariz. Pois era exactamente por isso que o compatriota Paulo preparara a mala nova. Mas não ia para Madrid. Bastava uma aldeola da fronteira, onde não abundassem os conhecimentos. Talvez San Juan de Carvallo, tinha dito o Falcoeiro. Ou mesmo na finca do amigo Boyero. Veremos. Perto e à vista dos aguçados píncaros de Marvão, mas longe dos olhos suspeitosos.

16

Paulo e Ricarda estavam sentados na borda da muralha. O ar mais fino e frio da madrugada repassava. Já no horizonte do céu de Espanha começava a diluir-se a noite. De repente ouviram um baque e um som de voz estrangulada; era o Falcoeiro. Caíra do muro onde estava vigilante, e estrebuchava. Dum salto, Paulo tinha-se posto em pé e tirara a pistola do bolso.

Ela, depois de um instante de hesitação, atravessou a rua e foi para casa. Mas ficou entre a porta, a vê-lo desaparecer na viela preta. Avançava como um tigre, rente das paredes. De repente, soou do escuro:

- *Alto! Atire a arma para o chão!*

A voz saía duma parede, a uns vinte metros. Atrás estava agora também alguém. Ouviam-se passos na calçada. De chofre disparou na direcção da voz e saltou para o outro lado da rua. Respondeu-lhe uma chuva de tiros. Apontou ao que tinha falado e cuja pistola relampejava na esquina da frente e, atirando-lhe duas balas, correu para diante. O outro soltou um urro e deixou de fazer fogo. Mas os de trás corriam sobre ele e sentia as balas cuspirem-lhe a calça das paredes para a cara. Passava já o primeiro arco das Portas da Vila. Viu ao lado uma vaga sombra e sentiu uma pancada no peito, que o fez cair enrodilhado contra o ângulo da muralha.

## 17

Querida:

Deves ter recebido já duas cartas minhas, uma de Lisboa, outra de Marselha, em que te dava simplíssimas noticias coadas pela polícia. Hoje, por um feliz acaso, posso falar-te sem o entrave do costume. Devo este favor a um comerciante holandês que vai logo à noite para Singapura e me levará a carta a bom recato.

Timor é, como podes imaginar, uma terra para os diabos viverem e como eu sou um verdadeiro diabo (na tua opinião e na da polícia) vivo cá optimamente. Dou-me bem com o calor e estou mais gordo. Tudo o que se passou me fez verdadeiramente bem e esta paz e isolamento em que vivo aqui dão-me para largas meditações. Em parte, tenho vivido as aventuras só pelo gosto de viver. Continuo a pensar que só por isso já valeria a pena. O perigo tentou-me sempre como um abismo desconhecido. Já antes de ler Nietzsche obedecia à sua lei: vive no perigo! E a isto devo a firmeza de espírito. Contudo, quantas coisas via menos claramente! Para compreender e encontrar o caminho exacto e o verdadeiro norte, não bastam a inteligência e a cultura, é preciso um certo embaciar dos olhos sonhadores e uma dura experiência. Fundamentalmente - uma dura experiência. Então, sim. Vêem-se com nitidez os erros cometidos e aparece o caminho verdadeiro. O mundo rola mais depressa do que nós julgamos. Esquecemos a velocidade da vida! Agora é preciso dar um salto. Pois saberei dá-lo sem cair. Breve sairei daqui. Ainda não sei como, mas é fácil deixar esta ilha. E então ouvirás falar de mim. Sinto uma grande força serena. Que pensarão os meus companheiros? Quantos terão evoluído no mesmo sentido? Não sei. Mas a lição foi boa e só muito ruim discípulo não aproveitará o benefício. E o meu pobre país precisa muito de todos os que queiram salvá-lo dum grande desastre. A vida exige-nos maior firmeza, até para as pequenas coisas. A minha tendência para contar com o acaso e a boa sorte de todo desapareceu. Ideias claras, fé inabalável que nos leve sem uma hesitação, planos sem aventura nem vago.

Mas parece que estou já a fazer um discurso na praça pública. Ainda é cedo. Estou longe; breve estarei perto. Perto da hora em que perdoarei e justificarei todo o meu passado. E perto de ti, que com a mais bela certeza e coragem esperas pelo teu

- Paulo

Timor, 14 de Janeiro de 1922.

\*\*\*\*\*

Fev. Nagazaky

Maria Ricarda querida:

Escrevo-te muito à pressa. Só para te dizer que estou aqui. Livre! E a fugir! Que paradoxo. Vou como criado a bordo de um barco chinês. É a maneira de viajar sem dinheiro. Escrevo. Está a dar sinal a sereia. Adeus. Caminhar sempre!

- Paulo

Este conto foi transcrito a partir da terceira edição tal como consta do livro: Fonseca, A. J. B. da.(1938/2010). 'O Conspirador' in *Caminhos Magnéticos*. Obras Completas I, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, p.471 a 506.



3.

# O PROJETO

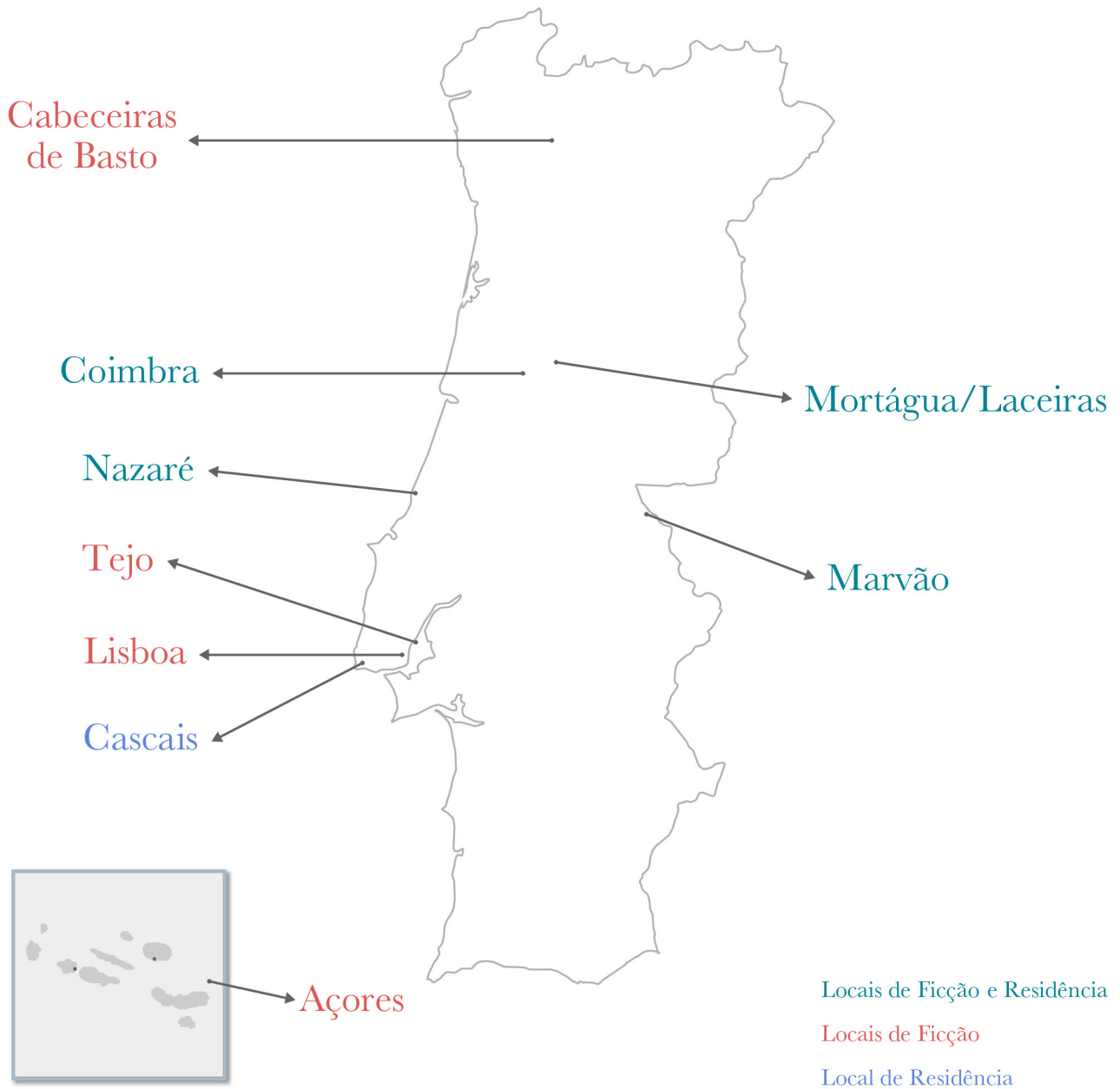


> *Torre da Igreja de Santiago*  
*Branquinho da Fonseca*  
 - 1935/6 - AHMC

> *Panorâmica dos*  
*arredores de Marvão,*  
*obtida a partir do castelo.*  
*Branquinho da Fonseca*  
 - 1935/6 - AHMC

Ao andar nas ruas apreende-se o lugar, ao descrever as ruas (re)constrói-se o local, perpetuando, na sua representação, o potencial da mesma enquanto espaço de sociabilidade, de vivências e de afectos. Potencial este subordinado às dinâmicas culturais e sociais que lhe estão inerentes, numa determinada época, filtradas pelo olhar do escritor que é também um *flâneur*, um observador, um leitor minucioso da localidade através do registo polifónico da vivência da(s) rua(s). O conto 'O Conspirador', inserido na colectânea *Caminhos Magnéticos*, publicado em 1938, permitiu delinear dois itinerários: um - intra-muros - que abarca todo o perímetro da vila, e outro que permite ultrapassar a fronteira. Podemos, deste modo, (re)visitar o património histórico-natural, compreender as relações sociais que se estabeleceram, e acompanhar o quotidiano desta população nos anos 30 do séc. XX, comparando-o com a atualidade. O itinerário vai ser complementado com fotografias e desenhos da autoria de Branquinho da Fonseca. A geografia literária de Branquinho da Fonseca cruza-se, em parte, com a sua geografia biográfica. Coimbra, Mortágua, Nazaré e Marvão, lugares onde habitou, servem como fonte de inspiração para algumas das suas obras literárias, permitindo assim que a escrita acompanhe o espaço e o espaço influencie a escrita. Outras localidades, onde não habitou, são igualmente retratadas nas suas obras, como é o caso de Cabeceiras de Basto, Lisboa e Vale do Tejo e as ilhas açorianas.

## A geografia de Branquinho da Fonseca



Elaborado por  
Maria Mota Almeida &  
Luís Branquinho da Fonseca  
Soares de Oliveira, 2014

Este projeto não é um trabalho isolado. Insere-se num estudo, mais abrangente, que tem vindo a estreitar a relação entre o turismo e a obra literária de António José Branquinho da Fonseca complementada com um 'olhar' contemporâneo, através da objetiva do seu neto, Luís.

# 4. ITINERÁRIOS

# 4.1.

## ITINERÁRIO NA VILA



## Síntese do excerto do conto 'O Conspirador' que contextualiza o itinerário da vila

O protagonista, Paulo Mascarenhas de Albuquerque, jornalista, conspirador revolucionário, para quem a capital significa detenção e o campo lhe permite a clarividência para traçar o futuro, viaja de noite e vai refugiar-se, em Marvão, na casa dos avós do seu amigo Eduardo. Ao refúgio corresponde a “paz da vilória morta, onde não chegavam bulícios do mundo, onde não havia jornais nem notícias de nada” mas, igualmente, a solidão que o longo isolamento pode propiciar. “Paulo só conhecia as solidões modernas: o quarto de aluguer e a multidão das cidades no meio da qual se anda tão só que nos sentimos longe de nós próprios. Mas essa não é a verdadeira solidão. A verdadeira é no alto de uma montanha. Porque é indispensável a continuidade que aumenta a tensão até ao limite da resistência. É aí que começa a claridade.” Esta solidão levou-o a uma reflexão aprofundada sobre os passos a seguir, começando “a olhar a vida e as ideias sob uma luz nova”. A presença e, mais tarde, a companhia de Maria Ricarda, “alta e elegante, bonita, de grandes olhos luminosos”, ajuda a quebrar o isolamento e permite ter alguém com quem conversar, visto que “o excesso de solidão escangalha-me os nervos”.

### Itinerário

Iniciamos o itinerário, acompanhando Paulo e Eduardo que, vindos de Lisboa, e após cinco horas de viagem, chegam a Marvão: “Eduardo saiu estendendo as pernas e os braços dormentes da viagem longa: ‘Irra! Mas cá estamos... [...] com estas estradas, foi andar bem...’ ” Atualmente, a mesma viagem faz-se, confortavelmente por excelentes estradas, em cerca de duas horas.

Quando nos aproximamos e atravessamos uma estrada ladeada de árvores, portentosas e luxuriantes, somos, tal como os personagens do conto, imediatamente despertados pelo “monte de casas sobre um penhasco de pedra negra”

>  
 Panorâmica de  
 Marvão obtida a partir  
 da Igreja de Santiago.  
 Branquinho da Fonseca  
 - 1935/6 - AHMC



A grandiosidade da rocha granítica a albergar a vila desperta-nos a curiosidade e convida-nos a entrar...

“E o automóvel subiu a estrada em ziguezague, entrando pela porta aberta da muralha escura.” Tal como Eduardo e Paulo, entramos pelas Portas de Ródão:

“O primeiro arco dá para um pequeno recinto cercado de parapeitos e seteiras e o segundo é ao lado e enviesado a atravancar a entrada. Os automóveis têm de parar para fazer uma manobra cautelosa”

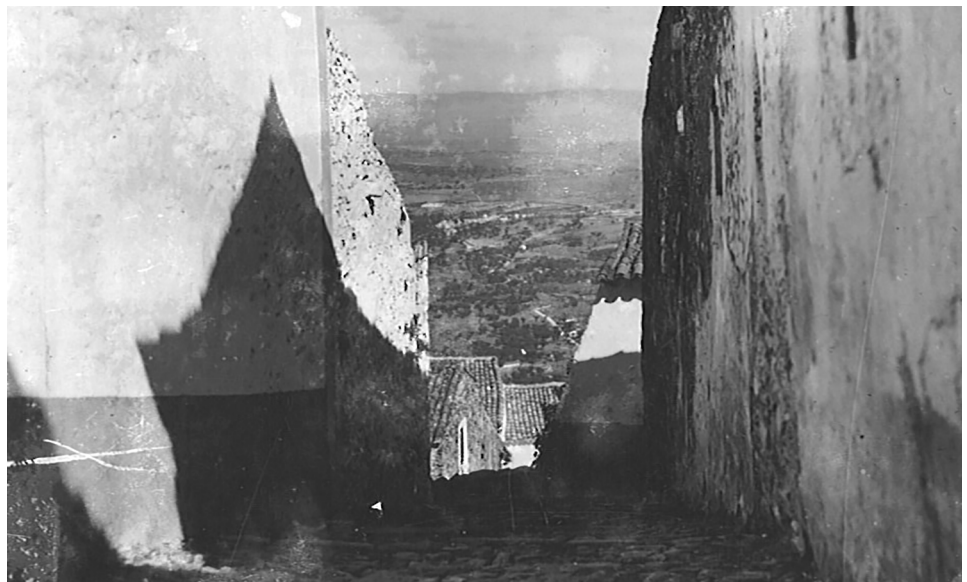
>  
*Portas de Rodão*  
*Branquinho da Fonseca*  
*- 1935/6 - AHMC*



Atualmente, logo à entrada e, na Rua de Baixo, situa-se o Posto de Turismo onde podemos solicitar informações que nos ajudem a complementar este itinerário, nomeadamente a nível de alojamento e restauração.

Seguimos pela Rua de Cima onde começamos a admirar “As ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares, emaranham-se todas umas nas outras, em esquinas e ângulos imprevisíveis.”

>  
*Rua de Marvão. Ao fundo,*  
*Santo António das Areias*  
*Branquinho da Fonseca*  
*- 1935/6 - AHMC*



Continuando pela Rua de Cima e, na confluência da Rua do Espírito Santo com a Rua das Portas da Vila e Rua do Relógio, encontramos os Antigos Paços do Concelho, que têm adossada a Torre do Relógio. Os Paços do Concelho, tal como a cadeia e o tribunal, abandonaram este local em 1956. No tribunal, exerceu funções Mouzinho da Silveira (Castelo de Vide – 1780 / Lisboa, 1849) como juiz de fora, razão pela qual se pode visitar uma exposição permanente sobre a vida e obra deste liberal.

No rés-do-chão funcionou a prisão masculina e no primeiro andar existiu a prisão feminina. Note-se que, por questões de segurança, a prisão não tinha porta ao nível da rua pelo que os presos desciam por uma corda através de um buraco gradeado existente no 1º andar.

Ainda hoje o podemos observar, subindo pela Travessa da Cadeia e entrando na porta que dá acesso ao Arquivo Histórico Municipal.



>> *Antigos Paços do  
Concelho de Marvão  
Branquinho da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC*

Branquinho da Fonseca transmite-nos, de forma admirável, o modo de utilização deste espaço:

“Há mais dois loucos [para além do Jana]. O senhor Luís Pinto, de 80 anos, direito, forte e corado, bem vestido, com o seu grande chapéu de sol sempre aberto. Foi secretário da Câmara e pessoa considerada. A pouco e pouco veio-lhe a mania de que era filho de Mouzinho da Silveira, o ministro que tem uma lápida de homem célebre, ali na Câmara Municipal. E vem falar-nos do Papá, perdendo então a calma, discursando, berrando, chorando. [...] o outro é o Manuel Maluco, que tem de estar preso, porque ao darem-lhe os ataques despe-se na rua, vai arrombar portas e esconder-se nos caminhos dos arredores para assaltar as mulheres. [...] Tem andado a fazer um buraco na parede, que já tem dois metros de fundura. As pedras são todas atiradas cá para fora, para o Largo da Câmara.”  
Podemos visitar, em seguida, a Torre do Relógio, mas apenas o r/c. Aí surpreen-

der-nos-emos com o maquinismo que, durante as vinte e quatro horas, sincopava a vida da população... De noite, enquanto “tudo em volta dormia. Só as corujas resfolegavam nas torres arruinadas das três igrejas e o relógio da Câmara alar-mava o silêncio do mundo, batendo o sino das horas, repetindo...”

E era de grande utilidade para os contrabandistas:

“Chegavam [Paulo e o Falcoeiro] às portas da muralha da vila, quando o relógio da torre da Câmara bateu as duas horas.”

>  
*Pelourinho junto aos  
antigos Paços do Concelho  
Branquinho da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC*



Avançamos para a Praça do Pelourinho, encostamo-nos ao murete e: “Lá para baixo contempla-se o mundo em mapa de relevo a belas cores: montes, rios, planícies, aldeias brancas, estradas, florestas. E as águias, vêem-se pelas costas, pairando em volta do despenhadeiro. Águias, corvos negros e luzidios, que têm ninhos nos buracos das pedras, milhafres, andorinhas, pardais, uma infinita fauna alada, vivendo e morrendo nas abas do grande penhasco. Lá em baixo os montes pretos com ribeiros luminosos como fios de vidro. Ao lado: vales verdes, dum verde vivo, fresco. Preto e verde.”

Esta paisagem acompanhar-nos-á ao longo das muralhas.

A partir deste local, temos duas hipóteses: ou subimos a Rua do Espírito Santo ou descemos a Rua das Portas da Vila.

No primeiro caso iremos encontrar a Igreja do Espírito Santo no largo com o mesmo nome.

>  
*Igreja do Espírito Santo  
Branquinbo da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC*



“Vagabundeavam [Paulo e Eduardo] pelas ruas desertas e no largo da Igreja do Espírito Santo lá encontravam sempre os três velhos sentados num socalco de pedra, ao lado do templo arruinado. Eram reformados do exército, que já tinham contado uns aos outros, centenas de vezes as suas façanhas de África e agora viviam calados, concentrados nesse passado que se tinha tornado maravilhoso como um sonho”

Subimos a Travessa do Espírito Santo e, se virarmos à esquerda, seguimos por uma ruela cuja configuração e revestimento se encontra próximo da descrição feita pelo autor do conto e vamos ter ao Castelo:

>  
*Vista de Marvão, obtida a  
partir da casa onde habitou  
Branquinbo da Fonseca  
- 1935 - AHMC*



“[...] Todas as manhãs e todas as tardes Paulo ia para o castelo ler. Pisando os magníficos tapetes de relva verde, procurava uma sombra e, sentando-se sobre qualquer velha pedra caída, ali ficava horas sem fim”.

>  
Muralhas do castelo  
Branquinho da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC



“[...] Paulo vagabundeava pelas ruínas do castelo, pisando o belo tapete de relva, entre os restos das muralhas e torres aveludadas de verde musgo. Alongando o passeio, subiu a escada arruinada que trepava a um bastião. Ao chegar lá acima, ia alargar a vista à paisagem quando viu brilhar, em baixo, um vestido azul, [Maria Ricarda] à sombra duma árvore, entre dois panos de muralha. Um discreto esconderijo, que à entrada do castelo ninguém se detinha a explorar à esquerda e à direita, passando os arcos e portais, com mira na torre de menagem, donde se estende a vista por serras lusitanas e campinas de Espanha. E os cantinhos românticos e melancólicos mantinham-se virgens dos passos do raro turista e ainda mais dos do indígena. [...] No labirinto de arcos, portas, contrafortes, torres e passadiços, parecia que para ali não havia passagem.”

>  
Panorâmica de  
Castelo de Vide, obtida  
a partir das muralhas  
do castelo de Marvão  
Branquinho da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC



Deixemo-nos absorver pela magnífica paisagem que dali se vistumbra:

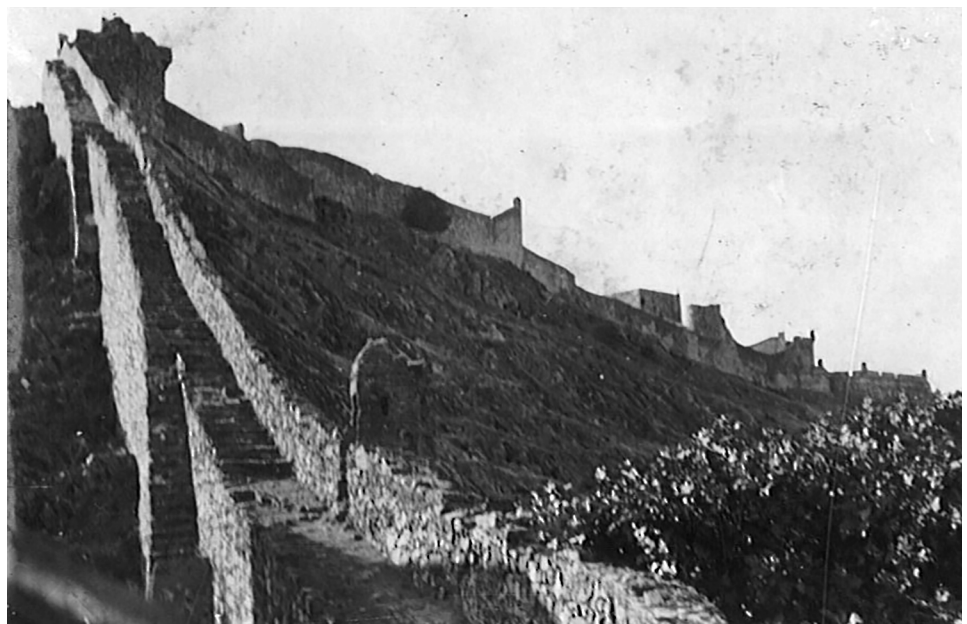
“Por vezes as nuvens passam rápidas e encostadas aos telhados. Mas de repente abrem-se e vê-se que por cima estão outras com uma luz deslumbrante. É frequente descerem à terra, ficar cá em cima o castelo cheio de sol no céu azul e, em volta, lá por baixo um mar de nuvens, branco, parado. Então, sopra um vento que, rugindo pela muralha acima, as atira com violência para o céu, em jacto contínuo, como vapor duma caldeira. Mesmo nos dias sem bulir de aragem, atira-se um chapéu para fora da muralha ele volta atrás.”

>  
Panorâmica dos arredores  
de Marvão, obtida a partir  
das muralhas do castelo  
Branquinbo da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC



É, provavelmente, na zona mais alta do Castelo que estamos mais próximos da sensação transmitida no conto, de que a muralha “[...] protege a povoação em toda a volta, para não deixar sair nem entrar nada. Não deixar entrar a civilização nem sair o ar estranho e primitivo do velho burgo.” Esta ideia remete-nos imediatamente para um tempo em que serviu de refúgio, em caso de invasões, sendo um local estratégico em termos militares.

>  
Muralhas do castelo  
Branquinbo da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC



Sáimos do Castelo e dirigimo-nos à Igreja de Santa Maria, antiga Igreja Matriz e atual Museu Municipal.

“Numa dessas manhãs, voltando para casa [Paulo], viu aberta a porta da Igreja de Santa Maria e entrou. Estava deserta. Mais uma vez ia ver se alguma coisa por ali estaria ainda esquecida do pilhar dos bárbaros. Mas ao dar os primeiros passos no barulhento sobrado de tábuas velhas e soltas reparou que estava alguém ajoelhado na capela lateral. Era uma mulher [Maria Ricarda] dobrada e imóvel, com um véu preto pela cabeça. Para não fazer mais barulho, Paulo sentou-se num banco e esperou. Olhava o São Jorge pisando um diabo horrendo, reparava numa imagem antiga, de São Pedro, com as chaves doiradas, quando a devota se levantou. Era alta e elegante, bonita, de grandes olhos luminosos. Saiu também. Viu-a descer a rua íngreme e desaparecer em baixo, no emaranhado do casario branco.”

Seguimos em frente, passamos pela Câmara Municipal, no Largo de Santa Maria, e entramos na Rua Dr. Matos Magalhães. Fazemos uma paragem, no nº2, casa onde viveu Branquinho da Fonseca, que trabalhou nesta vila como Conservador do Registo Civil.

>  
*Primeira casa de Marvão,  
 onde habitou Branquinho  
 da Fonseca (à direita)*  
*Branquinho da Fonseca*  
 - 1935/6 - AHMC



Saliente-se, como curiosidade, que na casa contígua, funciona atualmente o Registo Civil, Predial, Comercial e Notariado de Marvão.

Dirigimo-nos ao Largo Camões, antigamente designado por Largo da Parada, um dos locais de eleição para o passeio diário dos dois amigos, de onde se avista o que podemos considerar, sem exagero, e passamos a redundância, uma 'vista a perder de vista':

"Estavam [Eduardo e Paulo] há três dias em Marvão. Iam passear na Parada, que tem trinta metros de comprimento por trinta de largura. [...] Encostavam-se à muralha e olhavam o fundo do abismo ou, ao longe, a paisagem sem fim."

>  
Largo da Parada  
Branquinho da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC



Voltamos à Rua Dr. Matos Magalhães e aconselhamos, após passar o jardim, uma subida à muralha que nos vai conduzir, acompanhando a Rua do Corro, até às Portas da Vila. Neste trajeto, para além da paisagem que se espraia pelo infinito, conseguimos observar a coabitação entre a imponente rocha granítica e as habitações, descritas por Branquinho da Fonseca:

"Há casas verdadeiramente incrustadas no monte: à frente têm três andares e atrás o telhado toca no chão. É um labirinto de escadinhas toscas e vielas íngremes. As habitações, muito caiadas, com buracos que são janelas e com portas medievais em ogiva, roídas dos séculos, estão umas a cavalo nas outras, no alto do monte, a olhar para Espanha. Torres, arcos, portas, contrafortes e trincheiras, num conjunto de feroz estratégia, cercam o casario ingénuo que paira sobre a paisagem imensa."

Sáimos das Portas da Vila e, à esquerda, encontramos outro local onde Paulo e Eduardo espareciam: Iam passear [...] para os cem metros de estrada plana que há à saída das portas da vila. Encostavam-se à muralha e olhavam o fundo do abismo ou, ao longe, a paisagem sem fim."

>  
 Panorâmica dos arredores  
 de Marvão, obtida a partir  
 das muralhas do castelo  
 Branquinho da Fonseca  
 - 1935/6 - AHMC



Se tivermos optado por descer a Rua das Portas da Vila, invertemos o percurso:

- Saímos das Portas da Vila e, à esquerda, encontramos o local onde Paulo e Eduardo espreciam;
- Na Rua do Corro, subimos as escadas e fazemos um troço de muralha até ao Jardim;
- Entramos na Rua Dr. Matos Magalhães;
- Dirigimo-nos ao Largo Camões, antigo Largo da Parada;
- Voltamos à Rua Dr. Matos Magalhães e paramos em frente à casa onde viveu Branquinho da Fonseca;
- Continuamos em direção ao Castelo, passamos pela Câmara Municipal;
- Paramos na Igreja de Santa Maria, atual Museu

Qualquer que seja a opção terminamos o itinerário observando o pôr-do-sol, tal como Paulo e Eduardo faziam amiúde:

“O pôr-do-sol transformava a paisagem infinita que ali tinha estendida aos pés. Caía até aos confins do mundo uma paz grandiosa, envolvendo tudo num silêncio religioso. Calaram-se [Eduardo e Paulo] e ficaram a olhar o horizonte desfeito em vermelho e roxo e azul. Da torre começavam a cair, espaçadas e tristes, as badaladas das Ave-Marias, de som lúgubre e acabado. Ficou outra vez a mesma paz e silêncio sobre o mundo. Deram mais alguns passos e envolveu-os a repentina noite das serras.”

Mas as possibilidades de continuar o itinerário acompanhando o conto não acabam por aqui! Podemos ir até ao Convento de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Estrela, extramuros, protetora dos contrabandistas: “Tenho [Falcoeiro] cinco tiros no corpo. Um ia-me passando. Tive o padre à cabeceira a resmungar. Quando me pus de pé fui levar um vestido de seda à Senhora da Estrela, que é minha madrinha.[...]”

- *Acreditas em Deus?*

- *Só rezo à Senhora da Estrela.”*

>  
*Panorâmica de Marvão. Ao fundo, destaca-se o Convento de Nossa Senhora da Estrela*  
*Branquinho da Fonseca*  
*- 1935/6 - AHMC*



E... porque não fazer o Itinerário do Contrabando, na companhia de Paulo e do Falcoeiro?

# 4.2.

## ITINERÁRIO DO CONTRABANDO

## Síntese do excerto do conto 'O Conspirador' que contextualiza o itinerário do contrabando

Paulo, depois de ter permanecido em Marvão, é obrigado a fugir para Espanha, por causa da perseguição da polícia, com ordens do governo militar para prender os responsáveis pela “miserável rebelião dum bando de criminosos da mais baixa espécie.” Como se encontra numa terra de viagens de contrabando, motivadas por necessidades económicas, aproveita as ancestrais estratégias de fuga para ‘dar o salto’, com a ajuda do Falcoeiro. É este homem que, ultrapassando todos os obstáculos, o conduz, pela calada da noite, são e salvo, a Valencia de Alcântara e o traz, também clandestinamente para os encontros com a sua “doce apaixonada”.

### Itinerário do Contrabando

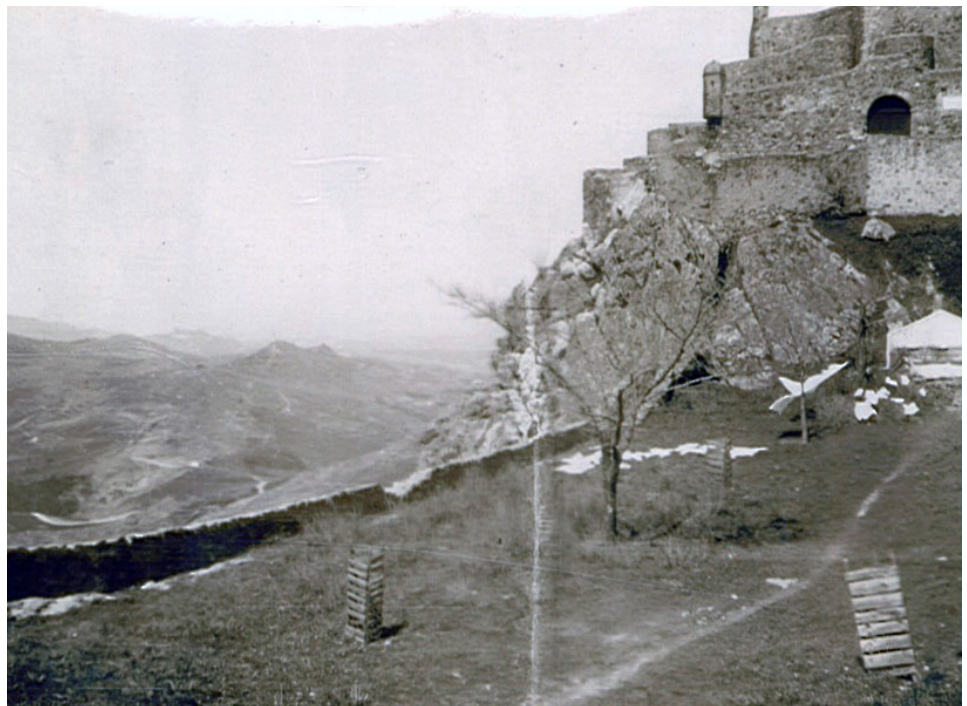
O conto permite fazer o percurso pedestre do Contrabando entre Marvão e Valencia de Alcântara (Cáceres) via Fontanheira. Este caminho de inigualável beleza natural e paisagística une os dois lados da fronteira que tanta história têm em comum.

Em Valencia realizou-se, em 1497, o casamento do nosso rei D. Manuel I com a Infanta Isabel de Aragão, filha dos Reis Católicos. Cerimónia que, como muitos têm conhecimento, ainda hoje continua a ser festejada.

Ao chegar a esta localidade, e partindo da Plaza del Ayuntamiento, os percursos são variados, mas não podemos deixar de recomendar a visita ao bairro judeu - gótico.

### Percurso Marvão - Valencia

>  
*Panorâmica dos arredores  
 de Marvão, obtida a partir  
 das muralhas do castelo  
 Branquinbo da Fonseca  
 - 1935/6 - AHMC*



Paulo, enquanto aguardava que alguém o levasse para o outro lado da fronteira, foi cercado na casa que o abrigava, a casa de Eduardo. Rapidamente teve de tomar uma decisão que lhe permitiu fugir da polícia:

“Saltou as pedras desmoronadas e resvalou pela encosta acamada de fetos. Mau caminho para corridas. Porém sabia-o plaino, logo abaixo, e, a meia lomba, coberto de castanheiros. Caiu, levantou-se e viu-se outra vez apanhado pelo foco da lanterna. Mais tiros. Chegaram-lhe vozes atiradas como ordens e compreendeu que era grande a montaria. Maior o mundo na sua frente e mais poderosa a noite que lhe punha a mão por cima. Também os castanheiros ali estavam a murmurar ao vento e a recebe-lo no seu labirinto. [...]. Um combro e duas rilheiras deram-lhe aviso de que estava em caminho trilhado. Meteu à ladeira virada ao rio que marcava a fronteira de Espanha. A passo largo foi descendo até onde apercebeu o bifurcar da vereda. Estava em campo sabido. Uma mais breve, outra de mais largo rodeio; preferiu a rota que o levava a desvio maior, pensando que os perseguidores, julgando-o apressado seguiriam o trilho mais curto.”

>  
 Vista da estrada para  
 Espanha, obtida a partir  
 das muralhas do castelo  
 Branquinbo da Fonseca  
 - 1935/6 - AHMC



No caminho, Paulo encontra o Falcoeiro e o filho, que levam carga e a quem pede ajuda para chegar a Espanha. Inicialmente o Falcoeiro recusa mas, perante uma boa recompensa, diz ao filho para descarregar no moinho a carga que levavam, enquanto ele guia Paulo.

“E seguiram calados [...].

Um murmúrio de água chamou-os à borda do caminho. A cortina dos salgueiros erguia uma parede na sombra, mas o contrabandista continuava a caminhar como em estrada soalheira. Até que se meteu no meio das árvores e parou, à escuta. Paulo só ouvia o rolar das águas. O Falcoeiro deu mais três passos. Estavam na borda do rio.

- *Dá água pelos peitos. É melhor tirar a roupa – aconselhou começando a despir a camisa. – É melhor pôr tudo dentro do casaco e atar com as mangas.*

Apertado o fardo, meteram-se à água, que cortava como gelo, e foi subindo até lhe dar pelos ombros. Erguiam a roupa numa das mãos e com a outra aguentavam-se contra a corrente. Até que chegaram à outra margem. Com força esfregaram as pernas e os braços. Paulo batia os dentes.

- *Vista-se. Com o andar seca.*

- *Quanto é daqui a Valência?*

- *Uma hora, a andar... ”*

Chegado a Valencia de Alcántara, Paulo instala-se numa hospedaria da Plaza del Ayuntamiento que lhe permite ter uma vista bem desafogada sobre a localidade.

“Recostado na cabeceira da cama, Paulo descia a vista sobre as árvores da Plaza del Ayuntamiento, por entre cuja folhagem verde se desenhavam os arcos dum claustro monástico. Da fachada da igreja decrépita divagava pelos telhados negros de musgo, espriando o olhar até aos montes vermelho-tijolo, subindo ao azul do céu [...] Era a pintura encaixilhada na janela do quarto, por onde entrava a confusa vozeria das gentes que, na Plaza, todas as manhãs transformada em mercado, traficavam e chalravam. [...]

- *El senõr Don Bugalhão.*

- *Que suba*

E Don Juan Cotrina voltou atrás e chamou do cimo da escada. Paulo estranhava aquela visita do contrabandista que, com seu tipo crioulo, pequeno e magro, vestindo calça de pana preta, jaleca esticada, alparcatas de sola de borracha e boina espanhola, surgiu, silencioso, na sombra do corredor. [...]

Bugalhão, outro contrabandista, trazia uma carta de Maria Ricarda e levaria, mais tarde, a resposta, por ser “um portador seguro”. Era também o Bugalhão que levava Paulo, sempre pela calada noite, a Marvão, ao encontro da sua amada. As descrições destas viagens permitem-nos fazer o:

### **Percurso Valencia - Marvão**

Nestes trajetos, as descrições não se limitam aos trilhos acidentados, sinuosos, exíguos e pedregosos percorridos pelos contrabandistas, mas também aos produtos contrabandeados:

“ E saindo da estrada desceram para um pequeno atalho que se afundava entre dois muros cobertos de silvas e heras.[...] O velho Falcoeiro conhecia a região

como os cantos da própria casinhota onde vivia. Desde os 7 anos que andava neste vaivém de passa fronteira, carregado de café e de galinhas, na ida para Espanha, ajujado de alparcatas e sedas, na volta. [...] Poucas vezes tinha sido apanhado [...]

*- Ainda ontem ia com um odre de azeite. O patrão sabe que o azeite pesa como pancada. [...]. Antes do rio ali para os lados da Fontanheira, há uns penedos. Bateu-me no coração. [...]*

As dificuldades não eram impostas apenas pela presença constante dos Carabineiros e Guardas Fiscais mas igualmente, como dissemos, pelo acidentado do caminho serpenteado pelo rio.

>  
Panorâmica dos  
arredores de Marvão  
Branquinho da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC



“Ouviram-se o barulho das águas do rio. Andaram mais uns passos e estavam na margem cortada a pique. O rio lá em baixo soturno. Iam procurar, mais ao norte, um sítio onde passar a vau e mesmo assim ainda com água de matar cães. [...] Movendo as pernas com dificuldade, foram avançando e afundando-se na corrente, que lhes tolhia e torcia os passos. [...]

E assim chegaram à outra margem que era Portugal. Vestiram-se e a pele molhada depressa enxugaria com o puxar pela ladeira acima. Dali para diante, o Falcoeiro foi andando bem à frente, como cão de venta fina. E lá iam. Não se via estrela no Céu nem luz na Terra e Paulo meditava nos perigos destas incursões. Mas a força que o levava não era das que dão grandes prudências a alguém. Sobre todas as coisas e contra todas, punha agora o seu amor invencível. De cinco sentidos alerta, já distinguia bem a sacudida fuga dum coelho ou o silencioso sumir da raposeta.”

>

*Fragas junto ao  
castelo de Marvão. Ao fundo,  
Santo António das Areias  
Branquinho da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC*



O vaivém constante entre os dois lados da fronteira não vai durar muito, visto que a incerteza quanto ao futuro obriga Paulo a uma aventura incessante e a permanentes viagens que o levam a Marselha, Timor e Nagazaky. Viagens estas que, se por um lado, são libertadoras, por outro fazem-no sentir agrilhado: “Livre! E a fugir! Que paradoxo.” O conto termina com um pincelar de ironia sobre a forma de conseguir resistir, apesar das adversidades e: “Caminhar sempre!”

# 5.

# O ESCRITOR

OS CAMINHOS D'O CONSPIRADOR

# O ESCRITOR: BRANQUINHO DA FONSECA (1905 - 1974)



>

*Branquinho da Fonseca no  
parque do Museu-Biblioteca  
Condes de Castro de  
Guimarães, em Cascais, 1942.*

AHMC

## AS VIAGENS

**“Antes seja afastado do que já alcancei que o seja daquilo para que vou.**

**A posse é um declínio.**

**Antes um pássaro a voar que dois na mão. Dois pássaros na mão são o que já não falta. Um pássaro a voar: é ir com os olhos a voar com ele; ir sobre os montes, sobre os rios, sobre os mares; dar a volta ao mundo e continuar; é ter um motivo de viver — é não ter chegado ainda!”**

*António Madeira, pseudónimo de Branquinho da Fonseca (1928) (presença, nº 14-15, p. 10)*

“Sim, sonhar alto não faz mal.  
E nada chega à realidade sem antes ter sido sonho.  
Assim se começa.  
E lançar um grito, um protesto, uma sugestão, uma ideia,  
já é fazer alguma coisa.”

José Régio. Carta manuscrita para Branquinho da Fonseca - 24/8/1929  
Coleção Herdeiros de Branquinho da Fonseca (inédita)

>  
Retrato de António Madeira  
/ Branquinho da Fonseca  
por José Régio.  
1928. 230 x 171 mm. AHMC



“Branquinho da Fonseca descreve tão bem a paisagem das serranias como a de Lisboa. Dá tanta vida a um tipo de labroste como ao dum híper-civilizado [...]”  
Adolfo Casais Monteiro, *presença*, 1938, p.27

# O ESCRITOR, O HUMANISTA - O EDUCADOR ALTRUÍSTA -

António José Branquinho da Fonseca, poeta, dramaturgo, tradutor e ficcionista, filho do polémico escritor Tomás da Fonseca, uma rara figura que fez sempre frente às instituições políticas da altura, não se resignando ao silêncio. Um homem de acção que deixou herança.

Em 1924, em Coimbra, fundou a revista *Tríptico* mas é em 1927 que lança, em conjunto com José Régio e João Gaspar Simões, a revista que marcaria toda uma geração: a *presença*. As páginas da *presença* serviram como plataforma para um movimento cultural onde havia espaço para expor poesias, textos dramáticos e alguma ficção. Nas novelas, nos contos, no romance e na poesia escreveu com uma visão cheia de simbolismo e realismo, hábil em misturar o fantástico e o palpável, destacando-se pela intensidade psicológica das suas personagens e pelas descrições, quase cinematográficas, que habilmente tece dos locais narrados, das suas gentes, costumes e tradições, misturando o descritivo com uma boa dose de ironia sem, todavia, perder a subtileza.

Por vezes, sob o pseudónimo de António Madeira, como é o caso da edição de 1938, da coletânea *Caminhos Magnéticos*, onde se insere o conto 'O Conspirador', a sua obra, sempre transversal e atual, retrata muito mais o comportamento humano do que tece uma crítica a uma época específica.

Depois de se formar em Direito, em 1930, foi Conservador do Registo Civil em Marvão e na Nazaré, fixando residência em Cascais no final da década de 30. 'Intelectual em Acção', como lhe chamou Orlando Vitorino, vai, enquanto Conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, iniciar, em 1953, a experiência das bibliotecas móveis. Desenvolveu, a partir de 1958, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo sido o seu primeiro diretor, cargo que conservou até à data da sua morte.

Além da escrita e da obra junto das Bibliotecas Itinerantes, Branquinho da Fonseca explorou campos tão diversos como a marcenaria, o desenho, o grafismo, no qual destacamos o logotipo da revista *presença*, e a fotografia, onde ensaiou o mistério e o fantástico. Nunca dissociou a vida quotidiana e as suas vivências, aceitando-as como mestras no momento da criação.

Marvão, onde vive entre abril de 1935 e dezembro de 1936, serviu não só de inspiração à escrita do conto 'O Conspirador', que nos acompanha nesta 'viagem', como também permitiu conviver mais intensamente com os seus 'vizinhos' pre-sencistas: José Régio e Francisco Bugalho.

>  
*Francisco Bugalho,  
Branquinbo da Fonseca,  
Adolfo Bugalho  
e José Casal Ribeiro, na  
Quinta dos Olhos de Água,  
em Marvão 23-7-1935  
Branquinbo da Fonseca  
- 1935/6 - AHMC*



>  
*Branquinbo da Fonseca,  
José Régio, José Neves,  
Maria Manuel Branquinbo  
da Fonseca e Guilhermina  
Flores Bugalho, na quinta de  
Francisco Bugalho, na 'vizinha'  
Castelo de Vide - 1935*



6.

“HÁ SEMPRE  
O QUE FICA  
PARA OUTRAS  
PÁGINAS...”

6.1.

POEMA

“CASA VELHA”

Marvão  
1936



Naquela noite, o vento...  
O vento correu as ruas a chamar por mim  
Como se fosse a minha própria voz  
Que eu tivesse esquecida lá fora.

Fui abrir a janela  
e vi no céu preto a lua a fugir  
com as nuvens de rodilhão por baixo dela.  
Mas já não ouvi nada,  
só um sussurro nas folhas das árvores.  
E fechei a janela.  
Então a voz recomeçou  
e a casa balançou como um navio na rua  
quando a tempestade  
muda a cor das ondas.

Ouvi na porta o bater da tua mão,  
que conheço tão bem.  
Mas, naquele dia, tu não podias ser, bem sei.  
Nem fui eu  
nem ninguém.

Foi o vento nas frinchas das portas  
trazendo-me o pó dos caminhos brancos,  
um vento que deu a volta ao mundo e trouxe tudo duma vez,  
a soprar nas físgas  
das portas que deixam sempre passar  
o que não quero.

Marvão, 1936

In *Vento de Longe*, Branquinho da Fonseca – *Obras Completas I*, p.185

6.2.

CARTA

Marvão, 15/4/1938

Meu prezado amigo,

Saúde e felicidades.

Muito obrigada pela oferta do seu atraente livro, que para mim tem um valor muito íntimo e muito grande.

É que nestes tempos de feroz egoísmo e de profunda indiferença, ele representa para mim a expressão sincera da sua boa amizade que eu, confesso, não desejava nunca perder. Isto, por um lado, por outro, e apesar de não ser esta a minha terra mas é a dos meus quatro filhos - impressionou-me agradavelmente encontrar Marvão a percorrer o paiz dentro d'um livro de belos contos.

O João Semana n.º 2 é que está mascarado em demasia: o meu amigo pôs-lhe virtudes que ele infelizmente não possui...

O Jana, o canteleiro, o Luiz Pinto, são retratos felizes e perfectos: tem as cores devidas e uma vida flagrante da realidade.

E o livro, nesta quadra do ano, aqui em Marvão, tem ainda outra circunstância a prender a nossa atenção: as procissões de noite e de dia; ainda ha pouco foi a última, tal como lá vem magistralmente pintada.

Mais uma vez pois, os meus melhores agradecimentos, acompanhados do desejo sincero de ler muitas vezes muitos livros de bons autores modernos, onde o seu nome fulgura com brilho de estrela de primeira grandeza. [...]

É um estreito abraço do seu amigo certo e muito grato,

José Martins Palha

# 6.3. 'PREÂMBULO'

Quis o acaso – se é acaso o acaso a querer estas coisas, se elas não são antes comandadas por outras forças cujo nome ignoramos – que não tivesse vindo ao mundo no Alentejo nenhum dos chamados “presencistas”; isto é: nenhum daqueles quinze a vinte autores nascidos no primeiro decénio deste século que de modo mais constante colaborariam na “*Presença*” e de modo mais determinante lhe imprimiriam os traços com que ela ficaria para o futuro.

Em contrapartida, quis todavia o mesmo acaso (ou o quer que o substitua) que ao Alto Alentejo viessem parar – e nomeadamente ao distrito de Portalegre – três dos mais significativos de entre o núcleo central de tais vultos determinantes: José Régio, Francisco Bugalho, Branquinho da Fonseca. E mais ainda: que dois deles - os dois primeiros – aqui se tivessem de tal forma enraizado que foi como se aqui houvessem efectivamente nascido. Ou re-nascido, - o que não é, afinal, em termos do encontro de cada um consigo próprio, nem menos importante nem menos revelador.

“Nesta cidade se deu o meu segundo nascimento”, costumava José Régio dizer-me durante os meses (há um quarto de século) que em Portalegre privei com ele. E acrescentava: “O primeiro já não sei ao certo se foi em Coimbra, se em Vila do Conde...”. Mas a verdade é que podemos distinguir, na trajectória íntima do autor de *As Encruzilhadas de Deus*, a sucessão de três homens diferentes: o Régio de Vila do Conde, o Régio de Coimbra, o Régio de Portalegre. E a verdade, também, é que o ultimo foi de bem longe o mais fecundo, o de mais larga respiração, o mais “regiano” de todos eles.

Não foi fácil nem imediata, no entanto, a adaptação de Régio ao Alentejo, a adaptação de Régio a Portalegre. O que terá acabado por decididamente seduzi-lo? A beleza da paisagem circundante? A própria atmosfera da cidade, com o seu quê de secreto e acolhedor, de reservado e envolvente? Creio que, na primeira fase, nem uma coisa nem outra: antes a riqueza artística da região, as tradições do artesanato local, os inúmeros objectos, requintados ou frustres, que bem cedo ele começou a coleccionar e que pouco a pouco lhe foram revelando toda a profundidade da alma alentejana, todo o lento processo da sua implantação na realidade telúrica. Assim, do encantamento perante as coisas ei-lo que terá passado, gradualmente, ao entendimento dos seres e da própria terra onde por fim se reencontrou, redescobriu e renasceu.

Em relação a Francisco Bugalho, já não poderemos talvez falar de “adaptação”; talvez antes de “adopção”, mas sem ao certo sabermos quem “adoptou” e quem foi “adoptado”.

Nascido no Porto, creio todavia que as raízes de Bugalho fossem alentejanas. Não sei, tão-pouco, se terá sido por mero acidente que no Porto nasceu. Nem isso interessa muito: o certo é que, na esmagadora maioria dos seus versos, na mais larga superfície da sua obra, o Alto Alentejo nos surge, desde muito cedo,

como a sua verdadeira terra adoptiva; ou ele nos surge – se assim se prefere – como dilecto filho adoptivo do Alto Alentejo. À excepção de meia dúzia de poemas, quando muito, que reflectem outros cenários (Coimbra, um porto – o Porto? –, sonhadas paragens exóticas, umas quantas “marinhas”) e à excepção de outros tantos que não reflectem cenário algum (a não ser pessoalíssimos cenários íntimos), é sempre o Alto Alentejo – e, de modo bem visível, a região de Castelo de Vide – o que avassaladoramente avulta na sua produção poética.

Mas será sequer lícito falar de “cenário”? Não, decerto se o entendermos como “pano de fundo”; e muito menos se o entendermos como “pano de fundo” sem “figuras”. O que aí antes nos aparece é toda uma atmosfera que impregna por igual e por igual serve para animar – pessoas, paisagens, coisas, actividades, e ainda momentos, instantes, fugidios estados de espírito.

Um Conde de Monsaraz sem pitoresco, um Fialho de Almeida sem dramatismos, um Mário Beirão sem veleidades épicas: eis como talvez poderíamos definir a poesia alentejana de Francisco Bugalho se a quiséssemos confrontar (e resultaria esta sucessão de negativos) com a obra desses seus três predecessores, todos eles aliás – note-se bem – naturais do Baixo Alentejo. Ora aí está justamente a diferença entre as duas grandes regiões transtaganas: na desconfiança ante o pitoresco, na recusa de dramatismos, na ausência de grandes veleidades épicas, é que fundamentalmente se caracteriza, por oposição, o perfil geográfico e humano do Alto Alentejo. E, pelo menos nos nossos dias, foi Francisco Bugalho quem primeiro o intuiu, quem primeiro exemplarmente o expressou.

Diferente, por seu turno, tanto do caso de Régio como do caso do Bugalho, foi o que se passou com Branquinho da Fonseca. No Alto Alentejo e fixou apenas transitoriamente (por pouco mais de um ano, se não erro), no desempenho das funções de Conservador do Registo Civil na vila de Marvão. Isso bastou, no entanto, para que a vila de Marvão – graças às páginas que lhe consagrou no conto *O Conspirador*, do livro *Caminhos Magnéticos* – ganhasse o impressionante e alucinatório lugar a que tinha direito no património das letras portuguesas contemporâneas. Trata-se de uma simples meia-dúzia de páginas; porém tão densas e tão sortílegas, tão rigorosas e irradiantes que por inteiro já prenunciam (muito melhor que outros textos do mesmo livro) o inconfundível narrador que irá atingir o seu auge, dentro em pouco, nessa obra-prima que é a novela *O Barão*.

Como já em tempos observei, de Branquinho da Fonseca poderá dizer-se, embora noutro sentido, o que foi apontado por um nosso escritor quinhentista – António Prestes – a respeito da índole do homem português: que é “é estranho no natural, natural no estranho”. Com efeito, nunca por completo se evadem da realidade as suas afortunadas sondagens nos domínios do insólito; em contrapartida, mergulham invariavelmente numa luz de estranheza as suas personagens e os seus ambientes arrancados ao quotidiano. Leia-se ou releia-se a meia-dúzia de páginas sobre Marvão: e ver-se-á logo (eis um complementar interesse do trecho) se isto é ou não é exacto; se é ou não é exacto que Marvão nos surge,

aí, real como nunca, insólita como só ela...

Resta finalmente, apontar outro elo de ligação entre a “*Presença*” e o Alto Alentejo: a presença na “*Presença*” de um autor que, não sendo propriamente um “presencista” (a sua voz afirmara-se na “*Athena*”, o seu lugar situa-se entre o “*Orpheu*” e a “*Presença*”), assiduamente colaborou na revista e muito entranhadamente “pertence” ao Alto Alentejo. Refiro-me a Mário Saa, que continua, depois de morto, à espera que o redescubram e cuja obra, porque localizada sobretudo nas regiões do mito ou nas alturas das mais inventivas investigações, não parece vinculada às aparências de qualquer solo. Mas (porque “entre o ver e o não ver/ há uma distância a correr/ que pode ser ... – ou não ser/ uma distância a valer”), bastará talvez debruçarmo-nos sobre um texto como a *Xácara das Mulheres Amadas* para logo entrevermos, nas entrelinhas do sentimento poligâmico aí tão saborosa e desabusadamente defendido, como que a persistência da ancestralidade moura (e romana, também) de que o Alto Alentejo nos dá continuadas provas. É, de qualquer modo, algo que se desenvolve “à margem” de um sempre incompleto esforço de “cristianização”... E é, principalmente, um texto de tão intenso fulgor formal que, por ser de quem é, merece ser recordado no momento em que justamente se recordam certos pontos de articulação (Mário Saa “localiza-se” no Ervedal, concelho de Avis) entre o Alto Alentejo e a revista “*Presença*”.

Seja como for, depois de Coimbra, e talvez tanto como o Porto ou como Lisboa, o distrito de Portalegre “concentra”, à sua parte, alguns dos mais significativos “presencistas”. E só por isso já se justifica este pequeno gesto de lembrança.

**Nota:**

Publicado por ocasião da comemoração dos 50 anos da *presença* em 1977.

Agradecemos à SPA a cedência do texto.

# 6.4.

# 'PAISAGEM E FUGA'

- Fernando J.B. Martinho

Branquinho da Fonseca desempenhou, entre 1935 e 1936, funções de Conservador do Registo Civil em Marvão, no Nordeste alentejano. Curiosamente, nesse mesmo período, encontravam-se sediados no Alto Alentejo dois seus companheiros de aventura na revista *presença*, de que se afastara, como é bem sabido, em 1930: José Régio, em Portalegre, como professor do Liceu, e Francisco Bugalho, então como ajudante do conservador do Registo Predial, em Castelo de Vide. No ano seguinte ao da sua saída de Marvão, para a Nazaré, instalava-se em Évora o irmão de Régio, Júlio dos Reis Pereira, que usou, como poeta, o pseudónimo de Saul Dias e que assinou com o nome próprio as suas obras nos domínios da pintura e do desenho.

O recorte físico e humano do velho burgo de Marvão marcou profundamente Branquinho da Fonseca, como se pode ver pelas páginas que lhe dedica no conto “O Conspirador”, de *Caminhos Magnéticos*, colectânea vinda pela primeira vez a público escassos anos após a sua passagem pela vila alentejana, mais concretamente, em 1938. Do lugar que Marvão ocupa na referida narrativa, enquanto espaço onde decorre a parte fundamental da sua acção, aqui nos iremos especialmente ocupar, sem, no entanto, como é natural, deixarmos de, tangencialmente, ter em conta outros aspectos da obra de Branquinho da Fonseca com ele relacionáveis.

Branquinho da Fonseca, poeta, dramaturgo, contista, novelista e romancista, e organizador de antologias, nascido em Mortágua, na Beira Alta, em 1905, é sobretudo conhecido pelas obras que publicou no domínio da ficção narrativa, e muito especialmente pela novela *O Barão*, encarada pela generalidade da crítica como um dos marcos cimeiros da nossa narrativa moderna. Devem-se-lhe, todavia, no âmbito da literatura dramática, algumas ousadas experiências de vanguarda, reeditadas pela última vez em 1974. Na sua bibliografia poética, averbando dois volumes publicados em 1926 e 1932, respectivamente *Poemas* e *Mar Coalhado*, que não foram nunca, no entanto, objecto de reedição, destacam-se os textos vindos a lume na *presença*, nomeadamente as curiosas incursões que fez pelo poema em prosa, sendo ainda de registar a sua clara integração no que começava a ser uma tradição modernista, designadamente através do exemplo das duas figuras maiores da geração do Orpheu, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, como fica patente nos seguintes poemas, “Depois”, vindo a público no nº 4 da *presença* ( p.2 ), e “Ode à Noite”, título de inequívocas ressonâncias pessoais, dado à estampa pela primeira vez, em 1945, na 2ª Série das *Líricas Portuguesas*, organizada por Cabral do Nascimento, em 1945 ( p.313 ).

Mas voltemos a “O Conspirador”, narrativa integrada, como tivemos ocasião de ver, no volume *Caminhos Magnéticos*, de 1938. O protagonista da história, Paulo de Mascarenhas de Albuquerque, o conspirador a que o título alude, procura refúgio em Marvão, na sequência de uma revolução falhada em que esteve envolvido. A velha vila onde se refugia, a cerca de 900 metros de altitude, de difícil acesso e com Espanha à vista, oferece as condições ideais para quem anda

fugido à sanha persecutória do poder instituído, na circunstância um «Governo Militar». Paulo, aliás, mal acabado de entrar na casa de Eduardo, o amigo que o acompanha, atento, «como bom estratega», a todos os pormenores da localização da casa, não deixa de avaliar o que as portas e as salas «valeriam como esconderijo e possibilidade de fuga» (Fonseca, 1967: 175 ), ou de reparar, com «atenção de explorador», ao aproximar-se de uma janela, que, para chegar à rua, «era um salto pequeno e um muro também fácil de transpor» ( ibid.: 176 ).

A primeira descrição de conjunto da vila ocupa por inteiro o quarto dos dezasseis segmentos narrativos numerados que constituem o conto. Mas já antes, no segmento anterior, quando do primeiro contacto, à distância, do protagonista com Marvão, o narrador se lhe referira como «Um monte de casas sobre um penhasco de pedra negra», e, na sequência da narração de um pequeno incidente, ou acidente, ao entrar na vila amuralhada, que ilustra a extrema dificuldade do acesso, anotara que o carro «meteu pela rua estreira, onde mal cabia, andou às voltas por aquele labirinto deserto» ( ibid.: 174 ). Um pouco à frente, quando da chegada a casa de Eduardo, acompanhamos o olhar de Paulo, que se alarga sobre «Um espaço sem casas; ao meio, penedos cinzentos aguçados para o céu; ao fundo, uma igreja de modesto pórtico manuelino, com a torre tosca embutida na fachada. Para o outro lado: uma rua direita, ao cimo da qual se via outra torre de igreja e a porta do castelo rodeada de torreões e vigias; um triângulo de relva verde e a muralha a cercar o conjunto, desaparecendo por detrás dos telhados» ( ibid.: 174-175 ).

Mas estas não são mais que impressões, digamos, preliminares. A primeira visão abrangente, essa, é, como disse, o quarto segmento que no-la dá (ibid.: 180-181). E aqui o olhar que nos conduz já não é, como na última passagem citada, o do protagonista, mas o do narrador. Ele segue um percurso claro. Começa pela muralha que envolve a vila, e o que se acentua nessa parte inicial da descrição ajuda a perceber por que motivo escolheu Paulo Marvão como lugar de refúgio: «A muralha protege a povoação em toda a volta, para não deixar sair nem entrar nada. Não deixar entrar a civilização nem sair o ar estranho e primitivo do velho burgo.» Depois, como se descende do geral ao particular, fixa-se nas ruas: «As ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares, emaranham-se todas umas nas outras, em esquinas e ângulos imprevistos.» Antes de se deter nas habitações, dentro da mesma *lógica* de particularização ( «As habitações, muito caiadas, com buracos que são janelas e com portas medievias em ogiva, roídas dos séculos, estão umas a cavalo nas outras, no alto do monte, a olhar para Espanha.» ), tem ainda tempo para registar um pormenor, um outro pormenor, insólito no conjunto: «Há casas verdadeiramente incrustadas no monte: à frente têm três andares e atrás o telhado toca no chão. É um labirinto de escadinhas toscas e vielas íngremes.» Volta, em seguida, à envolvência das casas, do «casario», para nos dar os elementos que fazem do «velho burgo» uma estratégica fortaleza fronteiriça: «Torres, arcos, portas, contrafortes e trincheiras, num conjunto de feroz estratégia, cercam o casario ingénuo que paira sobre a paisagem imensa.» Logo a seguir, numa descrição que tem muito de cinematográfico, a câmara, em *plongée*, orienta-se para a «paisagem imensa» sobre que

a vila como que «paira», irrealmente: «Lá para baixo contempla-se o mundo em mapa de relevo a belas cores: montes, rios, planícies, aldeias brancas, estradas, florestas.» A câmara tem ainda oportunidade de captar os movimentos da «fauna alada» entre o que está em cima e o que está em baixo: «E as águias, vêem-se pelas costas, pairando em volta do despenhadeiro. Águias, corvos negros e luzidios, que têm ninhos nos buracos das pedras, milhafres, andorinhas, pardais, uma infinita fauna alada, vivendo e morrendo nas abas do grande penhasco.» De novo, a câmara desce, em *plongée*, para o que está lá em baixo, dado nos seus contrastes cromáticos: «Lá em baixo os montes pretos com ribeiros luminosos como fios de vidro. Ao lado: vales verdes, dum verde-vivo, fresco. Preto e verde.» Como que a acentuar a irrealidade e a ambiguidade de tudo, joga-se agora com as nuvens, elemento volátil por excelência, e que, ao mesmo tempo, sublinham a altura inacreditável em que a vila está implantada. A descrição encerra numa nota que, por alusão a um insólito fenómeno atmosférico, leva às últimas consequências a estranheza que envolve, a todos os níveis, a povoação: «Por vezes as nuvens passam rápidas e encostadas aos telhados. Mas de repente abrem-se e vê-se que por cima estão outras com uma luz deslumbrante. É frequente descerem à terra, ficar cá em cima o castelo cheio de sol no céu azul e, em volta, lá por baixo um mar de nuvens, branco, parado. Então, sopra um vento que, rugindo pela muralha acima, se atira com violência para o céu, em jacto contínuo, como vapor duma caldeira. Mesmo nos dias sem bulir de aragem, atira-se um chapéu para fora da muralha e ele volta para trás.»

A descrição, em que nada é deixado ao acaso, como pôde ver-se, mais do que a pausa que, por natureza, também é, preenche uma função bem precisa na narrativa. A de sugerir uma atmosfera, a do lugar que o herói procurou para se esconder do poder que o persegue. Tudo nela se orienta no sentido de criar um efeito, um efeito calculado, de estranheza, de acentuar, por procedimentos de transfiguração, deformação e distorção, o que o narrador chama o «o ar estranho e primitivo do velho burgo» ( *ibid.*: 180 ). São as ruas que são «torcidas», os pedregulhos «irregulares», as esquinas e os ângulos «imprevistos»; é a povoação que é um perfeito «labirinto». É neste lugar antiquíssimo e que conserva marcas bem visíveis das diversas camadas temporais que nele se sobrepõem, neste lugar como que imobilizado no tempo, que Paulo, que representa uma modernidade que se rebela contra um poder retrógrado (cf. a linguagem dos editais colados nas paredes de Lisboa, assente nos velhos chavões, maiúsculos, do «Dever Sagrado», da «Ordem», da «salvação da Pátria»), se refugia e, ao mesmo tempo, passa por um processo de transformação. Fica bem patente, neste trecho, o «pendor para a visão alucinatória do concreto», na obra de Branquinho da Fonseca, oportunamente salientado por um dos seus estudiosos de referência, David Mourão-Ferreira ( cf. 1977: 198-199 ). Ou seja a sua ligação, bem como a de outros «presencistas», nomeadamente Régio e Edmundo de Bettencourt, a uma sensibilidade expressionista, que lhes chegou por via brandoniana, literariamente, ou, a nível de influência externa, especialmente com origem na Alemanha, por via das artes plásticas e do cinema.

A acentuação do estranho, do insólito, ou mesmo do grotesco, em perfeita sintonia com o que designámos de sensibilidade expressionista, adquire particular relevo no segmento seguinte (Fonseca, 1967: 181-186) em que o narrador mais explicitamente se adentra na representação do espaço humano de Marvão. Das casas «desabitadas» aos cães vadios «esqueléticos» que, «às dezenas», deambulam «pelas ruas e pelos largos abandonados», dos burros «que vão sozinhos à fonte beber água» aos doidos que são, simultaneamente, uma nota de perturbação e pitoresco na imobilidade ronqueira do pequeno burgo, e às próprias pessoas normais, de que o narrador elege, com incisiva ironia, como exemplo os quatro ou cinco funcionários que «passam às onze horas para a repartição, indo atrás deles a criada com a braseira acesa, se é no Inverno, e regressam às cinco, indo atrás deles a criada com a braseira apagada», tudo contribui para a criação de uma atmosfera de estranheza envolvendo um lugar que se diria fora do tempo. Mas onde o gosto, o gosto expressionista, de Branquinho da Fonseca pelo estranho e pelo grotesco melhor se revela é na magnífica descrição da procissão de Semana Santa do segmento nono ( ibid.: 197-200 ), em que o narrador, detidamente e dando largas ao seu pendor deformante e amplificante, se compraz nos jogos de luz e sombra que definem uma cerimónia em que também o sagrado e o profano se cruzam. Não fora a indesmentível funcionalidade, ou mesmo a centralidade, da cena no conto, ponto culminante numa narrativa que vive muito da criação de atmosferas, e de atmosferas, como vimos, de estranheza, ambiguidade, irrealidade, mistério, e quase seríamos tentados a salientar o que nela há de *prenúncio*, ou *ensaio*, *preparação* para o que virá a ser, poucos anos volvidos, a cena magistral da Tuna em *O Barão*. Comparem-se, num gesto que é mais de convite a que leiam, ou releiam, as duas cenas, do melhor que a literatura moderna portuguesa, enquanto literatura de imaginação, tem para nos oferecer, dois fragmentos de uma e de outra cena: de “O Conspirador”: «Quando chegaram ao largo do pelourinho, viram, ao fundo da rua, uns pontos de luz que balançavam, avançando das profundas da treva. O rrrráá, rrrráá áspero dum matraca aproximava-se sem se ver ninguém. Em todas as janelas tremeluziam pequenas velas encostadas por dentro das vidraças. Até que, de repente, a dois passos, surgiu do denso negrume um homem que fazia girar na mão o rodízio do som desagradável. Começaram, então, a passar uns vultos cobertos por longas capas pretas, com a cabeça escondida por grandes capuzes em bico. Levavam na mão umas tochas de metro, que espalhavam mais fumo do que luz; outros erguiam na ponta de paus lanternões de lume baço e amarelo. Caminhavam a passos lentos, travados, em duas filas, de cada lado da rua, rentes das paredes. Era a Irmandade.», e de *O Barão*: «Jam entrando um a um, em fila, embrulhados, embuçados, com um ar friorento e estremunhado. Que vinha fazer ali aquela gente toda, àquela hora, sei lá que horas da noite? Eu estava um pouco embriagado e fazia um esforço inútil para compreender o que via. E entravam, um a um, lentos, sonolentos, de todos os tamanhos, uns magros, outros gordos, uns de grandes bigodes tártaros, outros de barba à passa-piolho, dois ou três de grandes barbas, como profetas, envolvidos nas mais variadas mantas e capotes. Parecia-me um pesadelo aquele desfile de figuras tão estranhas, que formavam um friso diante de mim e continuavam a passar interminavelmente, fazendo uma vénia até ao chão.» ( s.d.: 44 ).

Lugar de refúgio, para o herói, Marvão é-o, porém, de um *refúgio provisório*. É, antes, afinal, um lugar de *passagem* para Espanha, onde Paulo poderá, em princípio, sentir-se a salvo da polícia portuguesa. Entre as razões que teriam determinado a escolha de Marvão como esconderijo para o conspirador, estaria, para além da casa do amigo de que aí poderia dispor, da distância a que a vila estava dos grandes centros, designadamente de Lisboa, e da sua relativa inacessibilidade, a circunstância de se encontrar a dois passos de Espanha e de haver, na terra, quem pudesse ajudá-lo a passar a fronteira a salto. Vem, no entanto, a experimentar dúvidas quanto a esse desígnio inicial, que, aliás, não era suficientemente forte para abafar por completo a «vaga tenção» que também trazia de «não sair de Portugal» (1967: 191). A «paragem forçada» dos «primeiros três dias», obrigando-o a modificar os planos, leva-o a um estado de hesitação, considerando inclusive a hipótese de voltar disfarçado a Lisboa, se a polícia não desse sinais de ter descoberto o seu envolvimento real na revolução abortada. Ao mesmo tempo, não deixava de lhe saber bem o estar longe de tudo, do bulício do mundo (ibid.: 191). O conspirador que, no segmento narrativo quinto, fora apresentado pelo narrador como «enérgico de espírito e de corpo» e como «verdadeiro homem de acção» (ibid.: 186), começa a sofrer uma metamorfose. É a visão de Maria Ricarda na igreja e o «entusiasmo» que nele desperta, num primeiro momento de reflexão encarado, face às suas circunstâncias, como «leviandade» (ibid.: 1988). E são sobretudo as «meditações» a que se entrega depois de, deliberadamente, a procurar na igreja. Conforme o narrador, sentencioso, esclarece, Paulo, até então «só conhecia as solidões modernas: o quarto de aluguer e a multidão das cidades no meio da qual se anda, tão só que nos sentimos longe de nós próprios.» (ibid.: 192). Não conhecia, todavia, a verdadeira solidão, e essa, como faz questão de precisar o narrador, é aquela que se vive «no alto duma montanha» (ibid.: 192), e que propicia a «claridade», a iluminação. Os termos usados pelo narrador sublinham fortemente a transformação por que o protagonista está a passar: «claridade», «luz nova», «conversão a outra mística» (ibid.: 193). Ele chega inclusivamente a recorrer ao símile da «estrada de Damasco», embora para lhe negar a adequação no caso vertente: «Não era S.Paulo na estrada de Damasco, mas o fenómeno parecia-se, guardando a devida proporção.» (ibid.: 193). A verdade é que o símile é invocado e a experiência por que Paulo está a passar não deixa de ter semelhanças com a de S.Paulo (não por acaso, certamente, com o mesmo nome do apóstolo): também ele «De repente viu. E, depois de ver, compreendeu.» (ibid.: 1993).

Mas o que é que ele «viu», o que é que «compreendeu»? Que grau de consciência alcançou relativamente ao sentido da «luta» em que está empenhado? A não abdicação da sua individualidade, a não diluição de um «destino» individual no «combate» comum? Não estar cegamente no «combate»? Poderá tudo reduzir-se a um «complexo de culpa» pelo «abstencionismo em matéria política», ao «individualismo» que seria típico dos «presencistas», de acordo com o veredicto de um Óscar Lopes (1987: 682), membro de uma geração, não o esqueçamos, que propõe uma literatura social e politicamente empenhada? Não é fácil encontrar uma resposta, pelo menos uma resposta tranquilizante. O próprio Paulo tem consciência da contradição, do paradoxo que ele é, na breve carta que, no

termo da narrativa, envia, de Nagazaky, a Maria Ricarda, e em que dá conta da sua situação contraditória de então: «Livre! e a fugir! [ ... ] criado a bordo dum barco chinês», entregue ao seu impenitente nomadismo, sob a divisa que, afinal, melhor o define: «Caminhar sempre!» (1967: 215). A contradição, Eduardo Lourenço no-lo lembrou muito recentemente (JL, 7/XII/2005: 37), não é necessariamente «uma coisa negativa, é uma coisa positiva...» Seja como for, a carta, enviada de Timor a Maria Ricarda, e que precede a que encerra o conto, pode fornecer-nos algumas pistas úteis. Também agora o «isolamento» e a «paz» que aí encontra favorecem a entrega a «largas meditações», a ver as coisas mais «claramente», a melhor definir o seu «caminho»: «Em parte, tenho vivido as aventuras só pelo gosto de viver. Continuo a pensar que só por isso valeria a pena. O perigo tentou-me sempre como um abismo desconhecido. Já antes de ler Nietzsche obedecia à sua lei: vive no perigo! E a isto devo a firmeza de espírito. Contudo, quantas coisas via menos claramente! Para compreender e encontrar o caminho exacto e o verdadeiro norte, não bastam a inteligência e a cultura, é preciso um certo embaciar dos olhos sonhadores e uma dura experiência. Então, sim Vêem-se com nitidez os erros cometidos e aparece o caminho verdadeiro.» (1967: 214). Vem, então, a parte mais importante, aquela em que se refere aos seus companheiros de luta, ao que eles poderão pensar do rumo que deu à sua vida, à lição que recebeu da sua experiência, da fidelidade ao seu destino: «Que pensarão os meus companheiros? Quantos terão evoluído no mesmo sentido? Não sei. Mas a lição foi boa e só muito ruim discípulo não aproveitará o benefício. E o meu pobre país precisa muito de todos os que queiram salvá-lo dum grande desastre. A vida exige-nos maior firmeza, até para as pequenas coisas. A minha tendência para contar com o acaso e a boa sorte de todo desapareceu. Ideias claras, fé inabalável que nos leve sem uma hesitação, planos sem aventura nem vago.» (ibid.: 215).

O que concluir das passagens acabadas de citar? Que sentido tomou a evolução do protagonista? Por que norte agora se orienta? Não é difícil verificar que, nele, o empenhamento vital, chamemos-lhe assim, prevalece sobre o empenhamento político, o *homem*, vivendo intensamente, fiel ao seu destino, sobre o *conspirador*. Ou também que não é possível uma reforma da sociedade, uma reforma *política*, que não comece por uma reforma *interior*, *pessoal*. Não por acaso, invoca Paulo, na carta de Timor, Nietzsche, e o que, como vimos, chama a sua «lei» (ibid.: 214). Ou a sua «moral», fixada na legenda «Viver perigosamente», como prefere dizer João Gaspar Simões, em artigo sobre o escritor espanhol Pío Baroja, nas páginas da *presença* (nº 3, 8 de Abril de 1927: 6). Ou ainda num seu aforismo, dentro do mesmo espírito, colocado por Régio no pórtico da sua *Biografia*: «Quando se ama o abismo, é preciso ter asas.» Traço epocal, ou não, esse nietzschianismo de base mais não faz que pôr em evidência a ética por que o herói de Branquinho orienta a sua vida, a de manter sempre «uma ligação directa» «entre as suas ideias e os seus actos».

**Nota:**

Publicado pela Universidade do Algarve, em 2007, resultado do colóquio, havido em 2005, destinado a celebrar o centenário do nascimento de Branquinho da Fonseca. Agradecemos ao autor a cedência do artigo.

**Referências Bibliográficas:**

*António Manuel Ferreira, Arte Maior: Os Contos de Branquinho da Fonseca, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2004.*

*Branquinho da Fonseca, Caminhos Magnéticos, Lisboa, Portugália Editora, 1967.*

*Branquinho da Fonseca, O Barão e Outros Contos, Mem Martins, Publicações Europa - América, s.d.*

*Óscar Lopes, "Branquinho da Fonseca", Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea II, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987, pp.680-687.*

*Eduardo Lourenço, "O Padre Manuel Antunes Visto por Eduardo Lourenço", JL, nº 918, 7 de Dezembro de 2005, pp.36-37.*

*David Mourão-Ferreira, "Para uma uma Leitura de O Barão de Branquinho da Fonseca", Presença da "presença", Porto, Brasília Editora, 1977, pp.193-216.*

*Cabral do Nascimento, sel., pref. e notas, Líricas Portuguesas, II Série, Lisboa, Portugália Editora, 1945.*

*João Gaspar Simões, "Contemporâneos Espanhóis: Pío Baroja III", Presença – Edição Facsimilada Compacta, Tomo I, Lisboa, Contexto, 1993.*

*Bertrand Westphal, "Pour une Approche Géocritique des Textes – Esquisse", in La Géocritique Mode d'Emploi, directeur scientifique Bertrand Westphal, Limoges, Pulim - Presses Universitaires de Limoges, 2000, pp.9-39.*

7.

MARVÃO HOJE,  
VISTO PELO NETO...





“Irra! Mas cá estamos...” Deitou os olhos ao relógio de pulso. “São seis horas. Saímos de Lisboa depois da meia-noite, perto da uma. Gastámos cinco horas. Com estas estradas, foi andar bem...”





“Um monte de casas sobre um penhasco de pedra negra. E o automóvel subiu a estrada em ziguezague, entrando pela porta aberta na muralha escura. Portas de Ródão. O primeiro arco dá para um pequeno recinto cercado de parapeitos e seteiras e o segundo é ao lado e enviesado, a atravancar a entrada. Os automóveis têm de parar para fazer uma manobra cautelosa.”





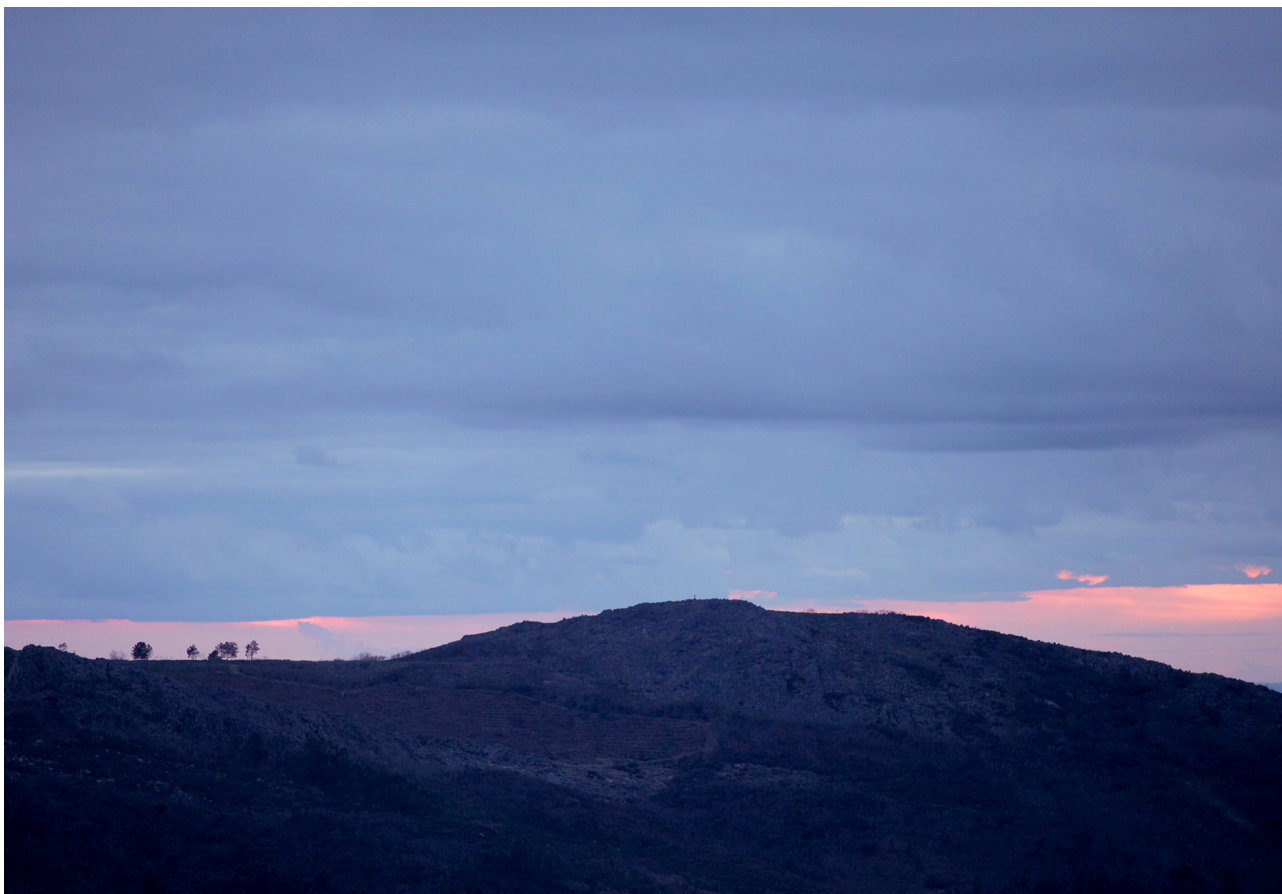
“As ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares, emaranham-se todas umas nas outras, em esquinas e ângulos imprevistos. Há casas verdadeiramente incrustadas no monte: à frente têm três andares e atrás o telhado toca no chão.”



“É um labirinto de escadinhas toscas e vielas íngremes. As habitações, muito caiadas, com buracos que são janelas e com portas medievais em ogiva, roídas dos séculos, estão umas a cavalo nas outras, no alto do monte”



“[...] o Manuel Maluco, que tem de estar preso, porque ao darem-lhe os ataques despe-se na rua, vai arrombar portas e esconder-se nos caminhos dos arredores para assaltar as mulheres. Lá está às grades da cadeia, todo nu e a cantar. Há dois meses. E todas as noites canta, canta até de manhã. “



“O pôr-do-sol transformava a paisagem infinita que ali tinha estendida aos pés. Caía até aos confins do mundo uma paz grandiosa, envolvendo tudo num silêncio religioso. Calaram-se e ficaram a olhar o horizonte desfeito em vermelho e roxo e azul.”



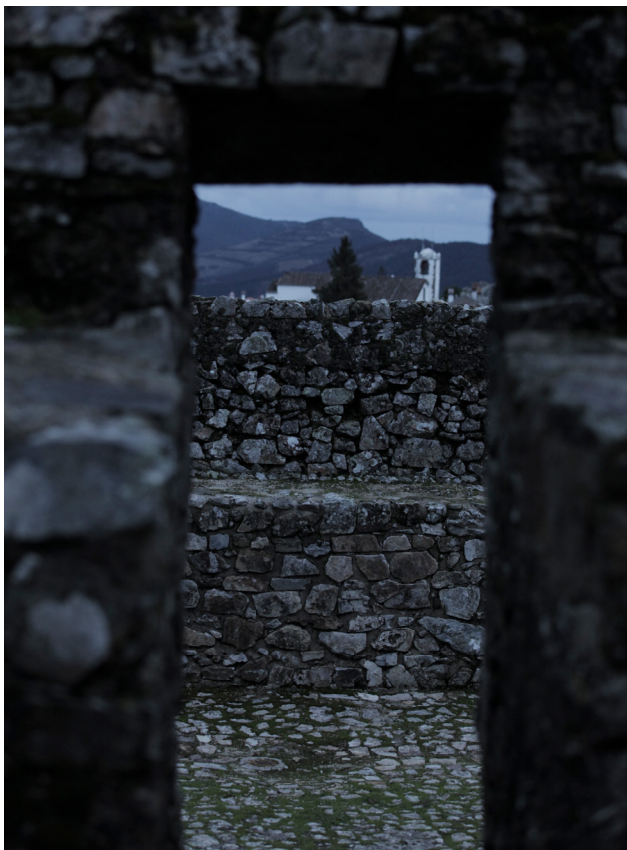


“Lá para baixo  
contempla-se  
o mundo em  
mapa de relevo  
a belas cores:  
montes, rios,  
planícies, aldeias  
brancas, estradas,  
florestas.  
Ao lado: vales  
verdes, dum  
verde vivo, fresco.  
Preto e verde.”



“a muralha protege a povoação em toda a volta, para não deixar sair nem entrar nada. Não deixar entrar a civilização nem sair o ar estranho e primitivo do velho burgo.”





“Paulo vagabundeava pelas ruínas do castelo, pisando o belo tapete de relva, entre os restos das muralhas e torres aveludadas de verde musgo. Alongando o passeio, subiu a escada arruinada que trepava a um bastião. [...] Um discreto esconderijo, que à entrada do castelo ninguém se detinha a explorar à esquerda e à direita, passando os arcos e portais, com mira na torre de menagem, donde se estende a vista por serras lusitanas e campinas de Espanha.”





“Numa dessas manhãs, voltando para casa [Paulo], viu aberta a porta da Igreja de Santa Maria e entrou. Estava deserta. Mais uma vez ia ver se alguma coisa por ali estaria ainda esquecida do pilhar dos bárbaros. [...] Olhava o São Jorge pisando um diabo horrendo, reparava numa imagem antiga, de São Pedro, com as chaves doiradas.”

“Na Semana Santa as procissões sucedem-se sem descanso, de dia e de noite, todos os dias e todas as noites, por aquelas ruas estreitas e tortuosas. As igrejas estão cheias de luzes. Mas aquela donde vem a procissão fica deserta, sem gente e sem santos, com um ar tétrico que faz calafrios.”



“ -Tenho cinco tiros no corpo. [...] Quando me pus em pé fui levar um vestido de seda à Senhora da Estrela, que é minha madrinha. Mas não lhe vestem. É toda de prata e de tempos antigos que dizem que não há nenhuma no mundo assim tão bonita.

- Acreditas em Deus?

- Só rezo à Senhora da Estrela.”



“Paulo começava agora a olhar a vida e as ideias sob uma luz nova. Estes dez dias de distância do mundo, metido ao canto dum casarão soturno, sentado sobre as ruínas musgosas dum castelo, ou a vaguear por aquelas ruas desertas, tinham-lhe puxado pelos nervos e pelo espírito até onde devia ser. [...] De repente viu. E, depois de ver, compreendeu. Tinha chegado ao ponto em que se vão tomar decisões que pesam para toda a vida. “



LIVRE! E A FUGIR!  
QUE PARADOXO.



8.

BIBLIOGRAFIA  
SUMÁRIA

**Almeida, M. (2016).**

*Os primeiros cinquenta anos do Museu – Biblioteca Condes de Castro Guimarães: Pioneirismo Mediado pela Ação Cultural e Educativa*, Lisboa/Paris, Nota de Rodapé Edições

**Almeida, M. (2016).**

‘Viagens na minha Serra’: Percorrer a região do Caramulo na companhia de Branquinho da Fonseca. In R. Baleiro, S. Quinteiro, I. Santos (Eds.), *Viagens, Relatos e Itinerários, Arte, Literatura e História*. Faro, Universidade do Algarve., p.61-78

**Almeida, M. & Oliveira, L.B.F.S. (2014).**

‘Um itinerário em Marvão através d’ O Conspirador de Branquinho da Fonseca’ Resumo alargado publicado In C. Costa (Dir.). *Revista Turismo e Desenvolvimento*. (2014). nº 21/22, vol. V., Universidade de Aveiro., p. 89 e 90

**Almeida, M. & Oliveira, L.B.F.S. (2014).**

‘(Re)visitar a Nazaré através do Mar Santo de Branquinho da Fonseca: contributo para a renovação do Turismo Literário’. In Santos, M., Serra, F., Santos, J., Águas, P., *Desenvolvimento e Planeamento em Turismo*. Olhão, TMS Algarve 2013 ., p.207 – 223

**Almeida, M. & Oliveira, L.B.F.S. (2017).**

‘Um passeio nocturno, em Lisboa, na companhia de D. Ramón...’ In Lousada, Maria Alexandre & Ambrósio, Vitor (Eds.). *Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa., p.213 a 230

**Beaufret, J. (1971).**

*Introduction aux philosophies de l’existence*, Paris: Denoël/Gonthier.

**Correia, J. de A. (1968).**

*Horas mortas*, Peso da Régua, Imprensa do Douro

**Ferreira, A.M. (2004).**

*Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda

**Ferreira, A.M., & Marques, J.M., & Martinho, F.J.B. & Petrov, Petar. (2007).**

*Sobre Branquinho da Fonseca*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda

**Fonseca, A. J. B. da. (1938/2010).**

‘O Conspirador’ in *Caminhos Magnéticos*. Obras Completas I, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda

**Fonseca, A. J. B. da. (1967).**

‘O Conspirador’ in *Caminhos Magnéticos - Contos*: Lisboa, Portugália Editora

**Madeira, A. (s/d [1938]).**

‘O Conspirador’ in *Caminhos Magnéticos - Contos*: Lisboa, Edições Europa, 1ª ed.

**Mader-Herrmann, J.(1993).**

‘Branquinho da Fonseca: Profils et Perspectives’, Dissertação de Doutoramento, policopiada, Université de Toulouse-Le Mirail,

**Monteiro, A.C. (1938).**

*Caminhos Magnéticos*, contos de António Madeira, *Presença - Folha de Arte e Crítica*, novembro, Ano II, vol.3, nº 53-54, p.27-28

**Mourão - Ferreira, D. (1977).**

‘Preâmbulo’. In *Presença*” no Alto Alentejo. Exposição Comemorativa do cinquentenário da revista ‘*presença*’ - Portalegre - 1977, s/p.

**Pacheco, C. & Henriques J.M. (2012).**

*Branquinho da Fonseca: Um Escritor na Biblioteca*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais.

**Ventura, R. (1993).**

Branquinho da Fonseca: Breve esboço para um retrato do Homem e do Poeta. In , J. de Oliveira. (coord). (1993). *IBN MARÚIAN - Revista Cultural do Concelho*, nº 3, ( p. 195 - 198), Marvão, C.M. Marvão